UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

João Augusto Rodrigues Silva

CONTATOS ENTRE POPULAÇÕES ANDINAS E AMAZÔNICAS DO
PERÍODO TARDIO (1000d.C -1532d.C.)?
INDAGANDO AS SEMELHANÇAS ESTILÍSTICAS DA CULTURA MATERIAL
ARQUEOLÓGICA DO VALE DE LAMBAYEQUE, SERRA DE CAJAMARCA E
ALTO MARAÑON - PERU

São Paulo

2018

João Augusto Rodrigues Silva

CONTATOS ENTRE POPULAÇÕES ANDINAS E AMAZÔNICAS DO
PERÍODO TARDIO (1000d.C -1532d.C.)?
INDAGANDO AS SEMELHANÇAS ESTILÍSTICAS DA CULTURA MATERIAL
ARQUEOLÓGICA DO VALE DE LAMBAYQUE, SERRA DE CAJAMARCA E
ALTO MARAÑON - PERU

Versão revisada
A versão original encontra-se
na biblioteca do MAE-USP

Dissertação de Mestrado
Apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia do Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo

Área de Concentração:
Arqueologia

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Arcuri Suñer

Linha de pesquisa:
Arqueologia e Identidade

São Paulo

2018

Agradecimentos

Gostaria antes de tudo agradecer a minha família, em especial meu pai Jorge a Arlete e meu irmão Carlos, os quais sempre me deram muito amor e carinho, e nunca me fizeram desistir de meu sonho de um dia estudar arqueologia, pelo contrário, sempre me apoiaram de todas as formas possíveis na busca por realizá-lo. Não é possível descrever em palavras o quanto sou grato e feliz por ter vocês em minha vida.

Agradeço também a minha orientadora Marcia Maria Arcuri Suñer, a quem devo a transformação do sonho em uma realidade. Sou eternamente grato por ter aceitado me orientar, por ter me proporcionado participar das minhas primeiras viagens e trabalhos de campo, além de ter me ajudado com inúmeras dicas, conselhos, recomendações e críticas que sempre visavam o meu crescimento profissional e pessoal.

Trato de agradecer também a outros familiares como minhas primas Patricia, Priscila e Mariana e meus muitos primos, tios e tias que sempre me deram força em todos os obstáculos que a vida colocou no caminho.

Outros professores merecem destaque, como Ana Raquel Portugal que foi minha orientadora na Unesp, além de Maria Celeste Facchin que foi a primeira pessoa que me citou o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e despertou em mim a vontade e interesse de ingressar algum dia. Cito também meu professor do Ensino Fundamental e Médio, Zé Roberto, um dos responsáveis por eu escolher trilhar o caminho da História, e posteriormente Arqueologia.

À CAPES pelo indispensável e fundamental fomento a esta pesquisa.

Gostaria de citar alguns amigos sem os quais isso tudo seria impossível, tais como Erich, Matias, Bruno, Mayara, Felipe, entre outros que me concederam apoio nas horas mais difíceis.

Menciono nominalmente os queridos companheiros da Arqueologia Pré-Colombiana: Márcio que foi uma espécie de tutor nessa caminhada e a quem eu nunca poderei recompensar o bastante, Débora que me apresentou o MAE e também minha futura orientadora e me inspira enquanto pessoa e profissional, Daniela por ter sido tão acolhedora e receptiva mesmo quando eu ainda não havia ingressado na pós-graduação e cujo carinho e atenção, mesmo que nem sempre presencial foram incríveis e inestimáveis, a Flávia pelas valiosas lições e experiências de campo, ao Bruno pelo companheirismo e pelas incontáveis risadas.

Também não poderia deixar de citar Carol e Leandro, que demonstraram as pessoas maravilhosas que são ao me ensinarem tanto sobre o trabalho de campo sempre com a maior paciência, humildade com as melhores intenções de me ajudarem nessa longa jornada profissional. Vocês são modelos para meu futuro.

Devo agradecer a todos os amigos e colegas que fiz no MAE, em especial Emerson a quem eu tenho um apreço imenso e que me ajuda desde o primeiro dia em que cheguei perdido nos corredores do MAE, você me faz acreditar no lado bom das pessoas e sempre estarei pronto para te ajudar. Também Renan, que o destino não fez com que nos conhecêssemos na Unesp, mas a quem eu tenho a mais alta estima considero um grande amigo, o mesmo valendo para o Francisco.

Outros amigos importantes também como Letícia Ribeiro, Letícia Correia, Alexandre, David, Renan, entre tantos outros. Ao pessoal da Arqueologia Amazônica, Laura, Guilherme, Rafael, etc. Não me esquecendo dos amigos da Arqueologia Clássica, citando as figuras de Felipe e Rodrigo.

A todos os professores do Museu de Arqueologia e Etnologia, entre eles Eduardo Neves, Fabíola, Wagner, Paulé, Ximena entre outros. Aos professores de outras instituições tais como Cristiana Barreto, Silvia Cunha Lima, Camila Diogo da Silva e Carolina Kesser Dias, Eduardo Natalino, etc.

Aos funcionários da biblioteca, sem os quais nada seria possível. Sempre dispostos a ajudar, solucionar dúvidas e propor soluções para os mais diversos problemas e buscas. Tudo isso com o maior respeito e carinho.

Aos funcionários da seção acadêmica(do presente e do passado) entre eles Karen Ribeiro, Regina Estela Leopoldo e Silva, Cleberson Moura.

Não poderia deixar de citar meus amigos queridos do Peru, sem os quais não haveria nada para apresentar, citando Dr Walter Alva Meneses, Nacho Alva, e Edgar Bracamonte na costa norte.

E um abraço especial para meus amigos de Jaén, ao arqueólogo Quirino Olivera Nuñez no qual me espelho profissionalmente, e ao pessoal do museu Hermógenes Mejía Solf na presença de professor Ulisses Gamonal Guevara, Edinson Delgado Estela, Carlos Zárate, pelo suporte incrível tanto no museu quanto na cidade, e por me fazer sentir mais um da equipe. Além do corpo diretivo do Instituto 4 de Junio, onde encontra-se o museu.

Também agradeço a Milagros e sua família pelo acolhimento em Lambayeque.

A todos os que já se foram (Hiroshi, Sandra, Laudelino, Nelson e Laísa) durante essa árdua caminhada, espero que eu possa orgulhar e honrar a memória de todos vocês.

Agradeço de coração todos que citei além de outro que eu possa ter esquecido, cada um de vocês tem um papel essencial nesse momento. Obrigado por acreditarem em mim mais do que eu mesmo.

Resumo

Esse trabalho propôs a realização de um estudo das características morfológicas e iconográficas das coleções de cerâmicas arqueológicas do acervo do Museo Hermógenes Mejía Solf, localizado em Jaén, na Alta Amazônia peruana. O objetivo central da pesquisa foi entender padrões e variações de estilos visualmente observáveis a partir da identificação de conjuntos de artefatos cerâmicos que conformam o acervo do referido museu, bem como a comparação dos mesmos com estilos arqueológicos tradicionalmente conhecidos como característicos de regiões adjacentes à área de pesquisa, a saber: da Costa Norte lambayecana, da Serra de Cajamarca (e das Terras Baixas amazônicas). O trabalho justifica-se, entre outros aspectos, pela exiguidade de pesquisas arqueológicas dedicadas à Alta Amazônia peruana, bem como pela riqueza do patrimônio arqueológico salvaguardado pelo museu. Os dados levantados e resultados das análises apontam para a identificação de um palimpsesto de formas e estilos, reforçando a hipótese de um intenso contato entre povos andinos e amazônicos no chamado Período Tardio da cronologia relativa usualmente adotada na arqueologia andina.

Palavras-Chave: Arqueologia – Coleções Cerâmicas – Andes – Alta Amazônia – Peru

Abstract

This work proposed the study of the morphological and iconographic characteristics of the archaeological ceramic collections of the Hermógenes Mejía Solf Museum, located in Jaén, in the Upper Peruvian Amazon. The main objective of the research was to understand patterns and variations of styles visually observable from the identification of artifactual sets that conform the museum ceramic collection, as well as the comparison of them with archeological styles traditionally known as characteristic of adjacent regions to the research area, namely the northern coast of Lambayeque, the Sierra de Cajamarca (and the Amazonian Lowlands). The work is justified, among other things, by the lack of archaeological research dedicated to the Peruvian Upper Amazonia, as well as the richness of the archaeological heritage preserved by the museum. The data collected and results of the analyzes point to the identification of a palimpsest of forms and styles, reinforcing the hypothesis of an intense contact between Andean and Amazonian peoples in the so - called Late Period of relative chronology usually adopted in Andean archeology.

Keywords: Archeology – Ceramic Collections – Andes – Upper Amazon – Peru

Lista de Figuras

Figura 1: Desenho de Guaman Poma de Ayala sobre o Antisuyu.....	Pág. 28
Figura 2: Mapa das principais localidades estudadas.....	Pág. 33
Figura 3: Mapa do Departamento de Cajamarca.....	Pág. 34
Figura 4: Hidrografia da Província de Jaén.....	Pág. 37
Figura 5: Sitios arqueológicos de Almendral y Tomependa, “en la desembocadura del río Chamaya hacia el Marañon”.....	Pág. 39
Figura 6: Caminhos Inca	Pág. 41
Figura 7: Principais de sítios arqueológicos da região andina.....	Pág. 51
Figura 8: Exemplos da cerâmica Cajamarca.....	Pág. 56
Figura 9: Fachada do museu Hermógenes Mejía Solf.....	Pág. 67
Figura 10: Organização interna do museu.....	Pág. 69
Figura 11: Vitrines com cerâmicas da Alta Amazônia e do Vale de Lambayeque.....	Pág. 69
Imagem 12: Tabela da cronologia do Sítio Inagtambo.....	Pág. 72
Imagem 13: Quadro da região de fronteira da Amazônia peruana e equatoriana.....	Pág. 73
Imagem 14: Gargalo apresentandp “ojos de gallina”.....	Pág. 89

Imagem 15: Gargalo apresentando “olhos de café”Pág. 89

Gráfico 1: Gráfico de peças inteiras e fragmentos..... Pág. 85

Gráfico 2:Gráfico de peças inteiras detalhado.....Pág. 86

Gráfico 3: Gráfico de instrumentos musicais de cerâmica..... Pág. 90

Sumário

Introdução.....	p.11
Capítulo 1 – Caracterização histórica e arqueológica da área de pesquisa e suas fronteiras culturais.....	p. 21
1.1 – O Antinsuyu Incaico: perspectiva histórica da presença Inca em terras amazônicas.....	p. 21
1.2 – As regiões da Serra de Cajamarca e da Alta Amazônia peruana.....	p. 32
1.3 – Um panorama sobre os estudos arqueológicos da Alta Amazônia peruana.....	p. 44
1.4 – Breves considerações sobre o Vale de Lambayeque – Costa Norte peruana.....	p. 60
Capítulo 2 – As cerâmicas arqueológicas do Museo Hermógenes Mejía Solf: um palimpsesto de formas e estilos.....	p. 66
2.1 – A natureza do <i>corpus</i> da pesquisa e os desafios enfrentados.....	p. 66
2.2 – O Museu Hermógenes Mejía Solf.....	p. 67
2.3 – A importância do estilo nos estudos de coleções.....	p. 71

Capítulo 3 – Análise estilístico-visual das cerâmicas arqueológicas do Museu Hermógenes Mejía Solf sobre a coleção.....	p. 82
3.1 – Sobre a coleção.....	p. 82
3.2 – Discussão dos dados de pesquisa.....	p. 85
Considerações Finais.....	p. 93
Referências Bibliográficas.....	p. 96
Anexo 1.....	p. 99
Anexo 2.....	p. 188

Introdução

Este estudo consiste em uma análise das cerâmicas oriundas da região de Jaén, localizada na divisa entre as áreas da Serra e Alta Amazônia peruanas, buscando assim compreender mais sobre uma região pouco explorada pelas pesquisas arqueológicas. Com este objetivo, buscamos analisar a coleção do museu Hermógenes Mejía Solf, o qual apresenta um acervo bastante diversificado de peças, constituído quase exclusivamente por doações de moradores da localidade e entorno. Muitas das peças da coleção estudada são de proveniência desconhecida e, considerando a exiguidade de estudos sobre a região, tampouco contamos com uma cronologia relativa para área. Tendo em vista esse panorama, essa pesquisa se propôs a realizar um estudo de coleção, levando em conta as características morfológicas e os traços iconográficos dos artefatos, com o intuito de entender padrões e variações que pudessem ser visualmente observáveis nas peças, a partir da identificação e agrupamento de conjuntos estilísticos. Também procuramos, com essa pesquisa, levantar maiores informações sobre a região onde foram produzidas as peças do acervo do referido museu, investigando as possíveis relações com áreas adjacentes do Andes ocidentais e setentrionais.

A pesquisa realizada nesse Mestrado iniciou-se com uma curiosidade acerca de questões relativas às fronteiras culturais e políticas estabelecidas entre os povos nativos da região da Alta Amazônia Peruana e os Incas, no Período Tardio da arqueologia andina (c. 1.000 – 1532 d.C.), abrangendo os chamados Intermediário Tardio e Horizonte Tardio, segundo a cronologia proposta por John Rowe, ou o período de desenvolvimento dos Estados e “Impérios” regionais na proposta cronológica de Luis Guillermo Llumbreras. É importante lembrar que, a história do período de hegemonia incaica sempre despertou relativo interesse entre arqueólogos e historiadores andeanistas – assim promovendo um elevado número de pesquisas acadêmicas voltadas a compreender os processos históricos de interação entre o domínio político

incaico e os governos por ele “controlados”. Porém, o mesmo não pode ser dito em relação à Alta Amazônia peruana, região objeto desta investigação.

Desafortunadamente, nosso trabalho enquadra-se entre as pesquisas arqueológicas pioneiras na região da província peruana Amazonas, o que nos traz claras limitações. De modo geral, defendemos a pertinência e a importância da pesquisa realizada pela exiguidade de trabalhos que enfocam a mesma região ou registros arqueológicos a ela atribuídos. Acreditamos que este trabalho, longe de propor grandes avanços na compreensão dos processos históricos de hegemonia incaica nos Andes Centrais, apresenta-se como uma base analítica e descritiva de fontes inéditas, suficientemente fundamentada para estimular e justificar a realização de novas pesquisas sobre a área, e o mesmo tema, em questão.

O objetivo inicial proposto foi investigar possíveis interações entre grupos que ocuparam a porção setentrional dos Andes Centrais e a Alta Amazônia peruana durante o Período Tardio (1000d.C. – 1532 d.C.), a partir da análise de coleções e contextos arqueológicos específicos das atuais províncias de Lambayeque (Costa Norte Andina), Cajamarca (na região da Serra adjacente), e Amazonas peruano (na região de cabeceira do rio Marañon). Vale ressaltar que não tivemos como objetivo investigar de forma equânime coleções arqueológicas que pudessem ser atribuídas a essas três regiões. Como já mencionado no início desta introdução, o ponto de partida da pesquisa foi o acervo do Museo Hermógenes Mejía Solf. Localizado no município de Jaén (Amazonas peruano), o museu reúne uma grande diversidade de artefatos, em sua maioria proveniente de doações. Ainda que se considere a portabilidade desses objetos, houve uma expectativa inicial de que a maior parte da coleção cerâmica fosse proveniente da própria localidade ou áreas adjacentes. Assim, desde os primeiros passos da investigação consideramos que abordaríamos os estilos cerâmicos lambayecanos e cajamarquenhos baseando-nos em dados e referências já estabelecidos na literatura arqueológica. Ambas as áreas são marcadas por forte tradição de pesquisas, entre arqueólogos peruanos e estrangeiros, de forma que pudemos

contar com critérios classificatórios já definidos e de grande utilidade para nossa proposta comparativa.

Já em relação às cerâmicas do Mejía Solf entendidas como provenientes da localidade ou área de entorno, deparamo-nos com objetos que, em primeira vista, não se podia catalogar com facilidade, uma vez que os traços estilísticos não correspondiam a nenhuma tipologia classificatória específica. Muitas dessas cerâmicas apresentam atributos conhecidos na cerâmica das Terras Baixas amazônicas, do vale de Lambayeque, da chamada cerâmica Cajamarca Costeira e/ou do Cajamarca Serrana, atributos esses que as vezes aparecem mesclados ou que não são suficientes para classificar a peça em uma dessas tipologias. Também se enquadram entre as cerâmicas aparentemente “estrangeiras” do museu os chamados vasos aríbaloides cusquenhos e de estilo “Inca Local”¹, este último encontrado entre os mais variados contextos dos Andes Centrais (FIGUEIREDO 2014)².

Em se tratando de um período supostamente atribuído à influência política dos incas na região estudada, buscamos primeiramente identificar o estilo cusquenho nos conjuntos cerâmicos analisados. Para isso, foram consultadas referências bibliográficas sobre o estilo e as variações na cerâmica incaica. Dentre elas destacamos o trabalho de Fernández Baca: *Motivos de Ornamentación de la cerámica Inca – Cuzco* (1971), no qual o autor apresenta uma descrição das principais formas e decorações de cerâmicas cuja produção foi atribuída aos incas de Cuzco (centro do Tahuantinsuyu Inca), consistindo assim no que é chamado de “estilo Inca de Cuzco” ou “Inca Imperial”, e sendo constituindo a essência desse estilo.

Dentre as características dos aríbalos, segundo Baca, encontram-se as seguintes:

¹ Fora de Cuzco, mais especificamente nas regiões mais longínquas do Tahuantinsuyu era encontrado o chamado estilo “Inca provincial”, o qual apresentava dentre suas características uma mescla entre o estilo Inca de Cuzco e traços locais de onde foi produzido.

² Ressaltamos ainda que durante a nossa qualificação foi sugerido que mantivéssemos o enfoque do trabalho apenas na descrição e análise das cerâmicas do Museo Hermógenes Mejía Solf, tendo em vista o já considerável trabalho que seria empenhado na análise dessas cerâmicas e a importância da caracterização da coleção.

“...boca amplia de borde acampanado; cuello tubular em su parte media, y ensanchada por ambos extremos; cuerpo em forma de pera cuyo mayor diámetro se encuentra cerca de la base, com um par de asas verticales fijadas em lados opuestos a um tercio de altura del cuerpo, y base de forma cónica, de pared ligeiramente cônica, y com el vértice del cono terminando em um pequeno plano...” (BACA, Fernandez, 1971, p.21).

Sobre a decoração, alguns motivos policromos e geométricos se destacavam, como por exemplo: figuras de losangos concêntricos em cadeia, dispostos em coluna como motivo central, “com multitud de hiladas de figuras dentadas dispuestas a ambos lados del mismo, las que sea todo el contorno del cuello” (BACA, Fernández, 1971, p. 21). Também são citadas pelo autor de peças ornamentada com colunas vermelhas de bordas negra alternadas com outras de fundo alaranjado escuro com desenhos de grupos de paralelas horizontais, alternados com figuras de “aspas” negras formadas por duas retas (BACA 1971, p.21). Outros motivos presentes na ornamentação são os zoomorfos (entre eles insetos, cobras, jaguares, etc.) e fitomorfos. Os aríbalos também possuíam apêndices abaixo e de lados opostos da borda da boca (os quais em peças bem conservadas possibilitam ver que serviam como suporte para “brincos” de tecido; como também se nota um aplique em forma de cabeça logo na parte superior do bojo (segundo Baca seria “uma cabeça estilizada de puma”, mas não se pode afirmar isso).

O *Tahuantinsuyu* era um domínio político amplo, tanto com relação à extensão quanto com respeito à diversidade étnica e cultural das sociedades que, de alguma forma tiveram que negociar com o poder incaico. As informações presentes nas crônicas espanholas e mestiças sobre as relações estabelecidas entre as elites de Cuzco e do vasto território alcançada pela hegemonia inca no século XV são muitas vezes confusas e contraditórias. Neste cenário, a cultura material resultante dessas interações se apresenta como importante objeto de estudo, possibilitando a identificação e caracterização de estilos cerâmicos “híbridos”, que em muito auxiliam a interpretação de processos históricos de contato ou interação cultural.

Considerando que os conjuntos da cerâmica arqueológica estudada neste trabalho são, em grande maioria, típicos de contextos rituais, é natural que processos que envolvem conflitos ou alianças políticas gerem registros arqueológicos carregados de sentidos, ainda que raramente tenhamos domínio das chaves ou categorias para compreender os simbolismos observados nesses registros. Em *“Pottery Style and Society in Ancient Peru”* Dorothy Menzel (1976) apresenta as tradições cerâmicas do vale de Ica e afirma que as populações locais foram abandonando seus estilos cerâmicos tradicionais, em detrimento das formas incaicas ou de uma mescla de características, durante o tempo em que foram “dominados” pelos Incas. Porém, segundo a autora, após a chegada dos espanhóis, os povos do Vale de Ica deixaram de lado as formas de cerâmica incaica, voltando a produzir estilos tradicionais locais. Sobre os estilos do Horizonte Tardio, ela afirma:

“...in the Late Horizon pottery style functioned as a symbol of rank, national and political loyalties, state control and state service. The old idea of sets of vessel categories representative of correct social usage for everyone was swept away by the more complex socially symbolic Late Horizon uses. This change parallels the changes brought to the Chincha tradition by the Inca conquest” (MENZEL 1976, p.243).

Como já mencionado, a cerâmica tipicamente Inca Provincial é encontrada ao longo de vastas áreas alcançadas pelo *Tahuantinsuyu*. Nas palavras de D’Altroy:

“Beginning with the Spanish chroniclers, the Inka government has often been portrayed as an absolute monarchy whose sovereign relied on standardized policies and a uniform bureaucracy to rule his subjects. There is truth in that description, but it would be more to the point to say that the political system consisted of a veneer of ethnic Inka officials who supervised the leaders of diverse subject societies” (D’ALTROY, 2005, p.263).

O exemplo de Menzel, sobre a forma como a cerâmica do vale de Ica passa a apresentar características das cerâmicas incaica, mas que após a chegada dos europeus esse estilo é completamente abandonado, ocorrendo

um resgate das formas tradicionais, ilustrar como a instabilidade política e formação (ou dissolução) de alianças reflete na produção material vinculada às esferas políticas e religiosas do poder, o que demonstra ainda mais a importância de se estudar as coleções arqueológicas de museus e instituições que resguardam esse tipo de bens de prestígio.

Principalmente a partir do estudo de coleções, ao longo do tempo, vários estilos cerâmicos foram sendo definidos pelos estudos histórico-culturalistas da arqueologia andina. Obviamente, o olhar difusionista que embasou esses estudos levou à construção de uma cronologia relativa engessada, fundamentada em um evolucionismo linear das culturas arqueológicas. Em última instância, esses dados serviram à criação de narrativas etnocêntricas sobre as sociedades pré-coloniais, quase sempre orientadas pela ótica das fontes históricas. Porém, com o passar das décadas as pesquisas arqueológicas dos Andes trouxeram à tona uma enorme quantidade de dados que nos permitem questionar a própria definição das culturas arqueológicas, deixando clara a necessidade de se revisar as cronologias relativas (Arcuri 2012).

No caso do Tahuantinsuyu, por exemplo, as diversas formas de “domínio” sobre outras populações geravam relações políticas distintas, o que refletia nas cerâmicas, afinal elas foram feitas por sociedades/grupos de pessoas dinâmicos, com fronteiras culturais talvez mais fluídas do que se imagina, e não por uma simples sobreposição de culturas estáticas e inertes.

A transmissão de visões de mundo e ideias através da produção realizada por algumas sociedades andinas (entra elas os Incas) é tema amplamente discutido na bibliografia de referência aos estudos andino; mereceria por si só um trabalho de aprofundamento entre os exíguos andeanistas que atuam na academia brasileira. Alguns autores entendem que isso decorreria de uma espécie de “controle estatal” da produção. Nas palavras de Marcio Figueiredo (2014):

“Podemos afirmar também que o estilo representa uma escolha consciente e sugere que os aspectos que o constituem são um meio

de comunicação de mensagens codificadas (Nicholas David, Judy Sterner & Kodzo Gavua 1988: 365). Logo, a interferência de grupos de poder na produção especializada de bens de prestígio implica o uso da reciprocidade e o uso das artes e bens a serviço do “Estado”, constituindo o que Michael Moseley denominou “estilos corporativos”. Neles, as formas padronizadas, a decoração e a iconografia são reproduzidos sob tutela do “Estado” aos seus próprios fins (Moseley 1982: 13). Segundo o autor, o estilo “policromo da cerâmica de Cusco” é uma manifestação deste fenômeno, assim como o estilo que compõe os vasos de alça estribo das fases III, IV e V da cerâmica Mochica. Como sugerem os dados de Huánuco Pampa, a padronização estilística da cerâmica no centro administrativo provincial do período Inca mostra que a produção vinculada à organização do “Estado” está relacionada ao fluxo de bens de prestígio orientados pelas relações políticas entre elites do poder (C. Morris & J. Idílio Santillana, 2010: 2010: 26). No que diz respeito à sociedade Chimú, Michael Moseley (1982: 13) afirma que a ênfase do estilo corporativo está no trabalho em metal. De qualquer forma, não significa que a cerâmica deixe de pertencer ao grupo dos bens de prestígio e, sendo assim, a mudança no Período Tardio possa ser entendida pelas próprias características do seu contexto social e político” (FIGUEIREDO, 2014 p. 66-67).

Como já mencionado, no caso desta pesquisa algumas das culturas arqueológicas tratadas são conhecidas a partir de estilos bem definidos, com características próprias, e que são considerados referência quando o objetivo é identificar semelhanças, mesclas ou mesmo “rupturas” de estilos. Aqui, foram principalmente observados estilos cerâmicos do vale de Lambayeque, visto que traços bastante característicos dessas cerâmicas foram observados nas peças da coleção Hermógenes Mejía Solf (em peças supostamente oriundas de contextos do entorno imediato de Jaén, na Alta Amazônia peruana). Podemos citar como exemplo algumas formas típicas do Vale de Lambayeque, como os *huaco-rey* – cerâmicas da cultura Lambayeque, ou Sicán (900 – 1350d.C.) – e as cerâmicas Chimu (Costa Norte, c. 1200 -1430 d.C.) encontradas na coleção³.

Com relação a algumas características desse estilo cerâmico, sabe-se que:

³ Como já dito anteriormente, o fato da cronologia utilizada seja relativa, baseada em noções e divisões Histórico-culturalistas torna a definição de algumas datas ou referências um tanto quanto imprecisas ou instáveis sobre as fronteiras entre essas “culturas arqueológicas”.

“Conforme já apontado, a principal característica distintiva da cerâmica tardia da Costa Norte, reconhecida como estilo Chimú é a sua coloração negra, produto de um processo de queima redutora muito específico. É um estilo que tende a ser monocromático, em tonalidades de preto ou cinza, apesar da existência de alguns conjuntos de artefatos de coloração vermelha escura (que denotam variabilidade nos processos de queima). A cerâmica Chimú apresenta uma padronização morfológica, obtida a partir do controle das técnicas empregadas na sua manufatura. Tanto a cerâmica doméstica quanto a cerimonial, segundo Lumbreras, eram produzidas a partir de moldes” (Lumbreras, 1981, 1989 apud Figueiredo, 2014, p.81).

A cerâmica Chimú apresenta também algumas características que auxiliam na sua distinção perante outros estilos: a utilização da técnica de queima reduzida, que produz uma cerâmica com uma coloração negra bem típica; a presença de um pequeno aplique na forma de um macaco, pássaro ou sem forma específica na junção do gargalo com a chamada alça estribo (esta última, típica dos vasos da Costa Norte peruana desde o período Formativo); alguns personagens como o “Animal Lunar” (figura mítica também muito presente na cerâmica Moche, que antecede o estilo Chimú na cronologia relativa), ou as figuras antropomorfas com distintos toucados. Tais personagens possuem atributos específicos que lhes conferem poder, atributos esses que durante a época de domínio incaico foram sendo retirados dos personagens; conforme demonstrado por Figueiredo em dissertação de mestrado (2014).

Por outro lado, pouco sabemos sobre as relações de poder na região estudada da Alta Amazônia, seja a partir de dados arqueológicos ou fontes históricas. Como já mencionado, no que tange especificamente as cerâmicas do Museo Hermógenes Mejía Solf, não contamos com coleções estilísticas de referencia, motivo pelo qual a descrição e o estudo analítico dos conjuntos que apresentaremos adiante se tornaram o objetivo central do trabalho. Claramente, esses dados não são suficientes para inferirmos com maior profundidade sobre o contato entre os povos andinos da Alta Amazônia e aqueles que ocuparam o Vale de Lambayeque (Costa Norte peruana) e a Serra de Cajamarca a partir do

século X d.C.⁴. Como atesta o título do trabalho, *Contatos entre populações andinas e amazônicas do Período Tardio (1000d.c -1532d.c.)? Indagando as semelhanças estilísticas da cultura material arqueológica do Vale de Lambayque, Serra de Cajamarca e Alto Marañon – Peru*, a pesquisa não pretendeu encontrar respostas, mas melhor fundamentar hipóteses para serem futuramente testadas pela pesquisa arqueológica.

Conforme buscamos demonstrar ao longo dos capítulos, as leituras e análises realizadas reforçaram a pertinência de algumas questões suscitadas pelo primeiro contato que tivemos com o acervo arqueológico do Museo Hermógenes Mejía Solf. Dentre eles destacamos que a interpretação das fronteiras culturais estabelecidas para o período estudado nesta pesquisa (Intermediário Tardio e Horizonte Tardio da cronologia relativa andina proposta por John Rowe em 1962) carece de refinamento e algumas revisões. Igualmente, a presença de traços estilísticos tipicamente costeiros e serranos na cerâmica atribuída à Alta Amazônia se provou frequente no corpo de dados da pesquisa, o que nos leva a refletir sobre uma correlação positiva entre a carência de estudos dedicados à Alta Amazônia peruana e a barreira acadêmica que isola arqueólogos andeanistas a maioria daqueles que atuam nas Terras Baixas da Amazônia Ocidental.

Por fim, tendo em vista que esse trabalho parte de coleções de museus e busca indagar sobre possíveis relações entre povos de origens distantes, serão utilizados alguns marcadores (características estilísticas) que comumente servem para a atribuição cultural de peças arqueológicas desprovidas de contexto de escavação. Cabe dizer que alguns desses marcadores são utilizados há muito tempo sem nenhuma problematização, criando ao longo do tempo categorias muito fechadas (imóveis) que, acreditamos, não corresponderem com o dinamismo de sociedades ou outras formas de agrupamento humano. Tendo isso em mente, esclarecemos que utilizamos esses critérios classificatórios mesmo sabendo de suas limitações, uma vez que se trata de um trabalho inédito de descrição e caracterização de

⁴ Por volta de 1.000 d.C. foi, justamente, quando a produção de cerâmicas estilo Chimú e Chimú-Inca passaram a prevalecer nos contextos do Vale de Lambayeque.

conjuntos cerâmicos da Alta Amazônia peruana. Nosso intuito foi, em suma perceber e explicitar congruências e incongruências em relação à cronologia relativa, de forma a problematizar as perspectivas de análise e propor caminhos futuros para o avanço do debate.

Assim, o primeiro capítulo apresenta uma breve caracterização da área de pesquisa e zonas adjacentes, a partir do estudo bibliográfico, discorrendo sobre o estado da arte das pesquisas arqueológicas e, de forma mais sucinta, sobre o debate acerca do *Antinsuyu*⁵ Inca a partir das fontes históricas. O segundo capítulo apresenta a as cerâmicas do Museo Hermógenes Mejía Solf, o contexto de formação da coleção e sua institucionalização, apresentando também alguns dos obstáculos e desafios colocados ao processo de pesquisa. O terceiro capítulo apresenta a relação que pudemos estabelecer entre algumas das peças e conjuntos de peças. Vale ressaltar que as comparações realizadas partiram de um primeiro exercício de análise, e que está longe de estar esgotado ou de ter atingindo o potencial de análise que as peças ainda apresentam. Tivemos que nos limitar aos prazos estabelecidos para a conclusão do trabalho e temos claro que a amplitude das análises deverá crescer nos desdobramentos futuros da pesquisa.

⁵ O porção amazônica do Tahuantinsuyu Inca, nome este atribuído à organização sociopolítica do Estado Inca no vasto território controlado durante seu período de hegemonia. A definição específica do conceito Tahuantinsuyu será apresentada no capítulo um e pode ser consultada com maior profundidade em ARCURI 2009.

CAPÍTULO 1 – Caracterização histórica e arqueológica da área de pesquisa e suas fronteiras culturais

1.1 O Antinsuyu Incaico: perspectiva histórica da presença Inca em terras amazônicas

Segundo as crônicas coloniais, o *Tahuantinsuyu* Inca constituía-se por quatro *suyus*, ou cantões administrativos regionais, que eram administrados pelas elites incaicas a partir de Cuzco. O *Collasuyu* corresponderia ao eixo ou direção sul/sudeste, o *Chinchasuyu* ao norte/noroeste, o *Cuntisuyu* ao oeste/sudoeste e o *Antisuyu* ao leste/nordeste. De acordo com Marcia Arcuri (2009, p. 40), em Quéchuá *tahua* significa quatro e *ntin* é o sufixo que qualifica um grupo. Sendo assim, a palavra *tahuantinsuyu* pode ser entendida como “quatro regiões ou *suyus* que se unem em um grupo”. Ainda segundo a autora:

A origem da unidade política no mundo andino era o *ayllu*. Os *ayllus* possuíam uma organização social fundamentada nas linhagens e nos laços de consanguinidade (...) A próxima instância, ainda em relação aos conceitos de territorialidade e distribuição espacial nos agrupamentos andinos, seria o *suyu*. Estudos de arqueoastronomia (Urton, 1981) defendem que a divisão dos *suyus* fundamentava-se na observação do curso galáctico rotacional, que se inclina relativamente ao plano da terra em aproximadamente vinte e sete graus. Em Quéchuá, a Via Láctea é chamada de *Mayu*, ou “rio celestial”. Observado do hemisfério sul, o *Mayu* não apenas divide o céu em duas partes (acima e abaixo da linha traçada no céu quando observada a Via Láctea), mas transita em curso pendular (...) o período em que o *Mayu* passa pelo zênite solar, ele forma dois eixos de intersecção cardinal (NE-SO e SE-NO). Essas linhas axiais formam uma grade que divide toda a esfera celestial em quatro quadrantes chamados de *suyus*. Michael Moseley (1992:56) defende que há muito tempo este conceito já era aplicado à espacialização do plano terrestre dos *ayllus* (ARCURI, 2009, p.38-39).

Apesar da complexidade do conceito, de modo geral a historiografia baseada nas fontes coloniais descreve o *Tahuantinsuyu* como “Império” ou “Estado” Inca. Por esta perspectiva, foi entendido unicamente como um fenômeno de expansão político territorial que teria durado relativamente pouco (de 1438d.C, quando se iniciou a primeira campanha de expansão durante o

reinado de Pachacuti Inca, até 1532d.C., quando a elite cuzquenha caiu frente aos conquistadores espanhóis). A ascensão política das elites Inca, no século XV, resultara de um longo processo de disputas que culminaram na vitória da guerra contra os chankas. Os relatos sobre o início do período de dominação Inca, das dinastias que antecederam o governo de Pachacuti não são muito claros. Brian Bauer (1992, p.1) descreve a região imediatamente em torno do Vale de Cusco como "...ocupada por inúmeros grupos étnicos que foram absorvidos pelo Estado Inca durante o período inicial da formação do Estado". A partir, então, do fortalecimento alcançado por Pachacuti, o processo de expansão incaica foi mantido pelos governos subsequentes, até que a disputa entre os herdeiros do Inca Huayna Capac, Huascar e Atahualpa, provocasse uma verdadeira guerra civil e levasse ao absoluto enfraquecimento político dos incas diante da invasão espanhola (LUMBRERAS, 1969, p. 313-314).

No momento da chegada dos conquistadores Francisco Pizarro e Diego de Almagro, a notícia da extensão daquilo que foi considerado "domínio Inca" foi motivo de grande repercussão na Europa (VON HAGEN 1959, p. 9). Junto aos mexicas da Mesoamérica, as elites de Cuzco passaram a figurar na historiografia como as verdadeiras responsáveis pelo desenvolvimento da "civilização" na América. Muita tinta correu desde então, mas com pouco consenso sobre a natureza do "Império Inca" em relação ao grau de coerção empregado no exercício político, às guerras e à constituição de alianças.

Em relação ao grau de autonomia dos povos conquistados, alguns autores defendem que os incas, apesar de construírem seus monumentos religiosos nas províncias conquistadas, não destruíam os templos sagrados dos anexados (CALVO, 1984, p.145). Chegavam, inclusive, até a nomear as famílias reais para exercerem cargos na administração do *Tahuantinsuyu* (BRAM, 1966, p.34-35). Porém, estudos mais recentes apontam as incongruências encontradas nos próprios relatos dos cronistas, em relação às negociações de caráter religioso que caracterizaram as relações políticas com as províncias conquistadas, especialmente na região norte dos Andes Centrais. Como aponta Arcuri (2009):

“Nas crônicas dos mestiços Felipe Guamán Poma de Ayala e Santa Cruz de Pahcacuti as descrições do *Tahuantinsuyu* inca convergem em dois pontos importantes: por um lado, ambos relatos remarcam o poder ‘civilizador’ do domínio Inca, poder esse que passa a configurar-se como uma política voltada ao controle social, por meio do mecanismo ritual, ao longo da sucessão dos reinados da linhagem soberana; por outro lado, tanto Felipe Guaman Poma de Ayala como Juan Santa Cruz de Pachacuti detêm-se na constante ameaça do poder das huacas de desestabilizar a ordem centralizada em Cuzco e, portanto, à permanente necessidade de controlá-las (...) Segundo Millones (s/d:9), o tema central da crônica de Pachacuti é o conflito entre o “Supremo Hacedor” e o “poder demoníaco das huacas”. O cronista não se prende unicamente à censura espiritual das huacas no contexto colonial. Boa parte dos argumentos de Pachacuti é dedicada à forte associação entre “o poder” das huacas e as chefias locais, ou seja, o poder dos curacas.” (ARCURI 2009, p. X).

Sobre essa questão da relação entre os incas e outros povos, D’Altroy (2005,p. 292) afirma que “Colonization in the Inka empire had many layers, as it was practiced by the state, the official religion, Inka aristocrats, ethnic lords, and local communities alike”. Portanto o “domínio” Inca aparentemente não era tão direto ou centralizado quanto cristalizou-se na historiografia, ainda que desde as crônicas espanholas o governo Inca tenha sido retratado como um regime monárquico cuja soberania se apoiaria em políticas padronizadas e em uma burocracia uniforme para governar seus “subjects”.

“There is truth in that description, but it would be more to the point to say that the political system consisted of a veneer of ethnic Inka officials who supervised the leaders of diverse subject societies. In practice, Inka politics drew on coercion, ceremonial hospitality, and patronage to motivate their subjects to carry out state mandates, while the local subjects practiced self-reliance and paid regular labor duties to the Inkas” (C.Morris 1998 apud D’Altroy, p.263).

Essa relação da elite de Cuzco com outros povos e governantes locais ainda poderia mudar de acordo com a região, pois, segundo D’Altroy:

“In the central part of the empire, the local elites, who ranged from petty village chiefs to hereditary aristocrats, were often incorporated into a decimal hierarchy of official. Elsewhere, along the populous north coast of Peru and in the far north coast and South, Inka rule was more indirect, as ethnic lords served more as intermediaries than as managers in an elaborate hierarchy. In order to mobilize labor and cultivate bonds of allegiance, the Inkas exploited long-standing relations between the local elites and their own people, representing the imperial obligations as little more than traditional mutuality written on a grand scale (Murra 1958)” (D’Altroy, p.264).

Nas crônicas seiscentistas de alguns exploradores espanhóis, como de Juan Alvarez Maldonado e do Inca Garcilaso de la Vega, podem também ser encontrados relatos de expedições incas que teriam chegado até a região de fronteira entre Brasil e Bolívia, onde os incas teriam construído fortalezas e estabelecido relações indiretas com os povos que lá estariam fixados (MARTINS, 2009, p. 3-4). Recentemente foi encontrada uma construção (supostamente) inca (Las Piedras) nessa região, na confluência dos rios Madre de Dios e Beni. Dentro da mesma, a maioria dos fragmentos cerâmicos encontrados é de origem amazônica, mas fragmentos tipicamente de tradição inca figuram em segundo plano (MARTINS, 2009, p.5-6). Henri Favre também aponta similaridades entre a língua original dos incas e dos índios Tampu, no Vale do Urubamba. Haveria indícios do foco original inca ter surgido no interior da Amazônia (FAVRE, 1987, p.16).

O pesquisador Martti Pärssinen, do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Helsinque (Finlândia), voltou-se a entender os contatos e conflitos entre incas e guaranis por meio das crônicas (com destaque para a de Sarmiento de Gamboa), observadas à luz de dados arqueológicos obtidos em contextos relacionados às ruínas de antigos fortes incas que chegaram a ser ocupados pelos guaranis. Dentre as evidências arqueológicas mencionadas no trabalho Pärssinen, estão também urnas funerárias de estilo corrugado, tipicamente guarani, que foram encontradas em sítios arqueológicos da floresta andina oriental (PÄRSSINEN, 2005, p.51-58). Vale citar também a pesquisa de Cristiana Bertazoni Martins, do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da USP, que gerou publicações referentes à inserção dos incas no Antisuyu, que corresponde à parte amazônica do Tahuantinsuyu. O mesmo tema da importância conferida pelos incas ao Antisuyu, aparece na crônica de Felipe Guaman Poma de Ayala, conforme apontado por Brotherston (1992). Porém, tais referências foram pouco compreendidas e, conseqüentemente, raramente comentadas na historiografia tradicional (ARCURI, 1995).

Essa breve contextualização pode fornecer uma visão sobre a complexidade existente nas relações durante o Período Tardio, além de alertar para o quão pouco a Alta Amazônia Peruana foi estudada em detrimento de outras regiões andinas. Esses fatores somados reforçam a importância de estudos como este que estamos realizando, que buscam conhecer melhor essa região pouco estudada, sobretudo durante um período de agitações políticas e culturais (com a formação e dissolução de alianças, guerras, possíveis hegemonias, etc), como foi o Período Tardio. Assim, com vistas a realizar um primeiro mapeamento arqueológico que possa colaborar para investigações futuras que busquem contextualizar melhor o cenário de interação entre os Incas e grupos da Alta Amazônia Peruana, esse trabalho centrou-se na identificação, descrição e análise estilística visual de conjuntos cerâmicos arqueológicos do Museo Hermógenas Mejía Solf, que reúne artefatos provenientes de sítios arqueológicos dos municípios de Bagua e Jaén, Alta Amazônia Peruana.

Nosso objeto de pesquisa recai, por razões óbvias, diretamente na relação entre os Incas e o chamado *Antisuyu*, lembrando porém que não há uma localização geográfica exata dos *suyus*. Segundo Martins, “no caso do Antisuyu, a [questão da] fronteira é mais dramática, considerando-se o vasto território que prolonga-se a selva amazônica” (MARTINS, 2007, p.19).

Esta uma questão complexa, pois, embora o *Antisuyu* das crônicas estejam fortemente referenciados pelo ambiente selvático da Amazônica, outros ambientes de floresta na região de Cajamarca e da atual fronteira entre o Peru e o Equador são consideradas como parte do *Chinchasuyu*. Mesmo não estando claras as fronteiras do *Antisuyu* na historiografia, aparentemente a Amazônia não era vista de uma maneira uniforme pelos habitantes do *Tahuantinsuyu*; talvez a Alta e Baixa Amazônia fossem reconhecidas de forma distinta pelos incas. Martins (2007) trata da posição e composição do *Chinchasuyu*, nos alertando para esse fato:

“Roughly speaking, the Chinchasuyu correspond to the northwest region of the Inca Empire and was the second largest suyu. Cajamarca, where

Atahualpa was kidnapped and executed by Pizarro, is located in this quarter. Before the Inca expansion to this zone, the peoples who were settled there included the Chancas (who fought and lost against the Incas), the yauyos, the Huarochirís, the Paltas and the Cañaris. It is also included the modern-day Ecuadorian capital of Quito and stretches until what is today the Peruvian-Colombian border. It included two great ranges of the Andes and also the fertile valleys in between (Markham, 1910:128)" (MARTINS, 2007, p.19).

Ainda sobre o assunto, a autora afirma que as terras altas do *Chichasuyu* constituíram um grande marco militar dos Incas, pois permitiam certo grau de contato com a selva e os povos que a habitavam (MARTINS, 2007, p.19).

Vemos assim que a relação entre os incas e os povos *Antisuyu* caracterizava-se por certa tensão, o que talvez explique por que essa região foi, como propõe Martins, tanto enaltecida quanto depreciada pelas elites incaicas. O *Antisuyu* é, também por vezes, entendido como a parte amazônica do *Tahuantinsuyu* que apresenta em sua geografia profundos vales e cânions (na Alta Amazônia), além da floresta tropical (na Bacia Amazônica), o que poderia simbolizar uma relação com as forças do *Hurin* e, portanto, um conflitantes com a hegemonia dos Incas, "filhos do Sol" (ARCURI, comunicação pessoal).

Uma questão fundamental no interesse incaico pelo *Antisuyu* é a grande quantidade e variedade de espécies da flora e fauna amazônicas, não disponíveis entre os recursos da Costa e Serra andinas, propiciando assim uma gama de produtos raros específicos e bens considerados de prestígio nos Andes (o que se observa em inumeráveis contextos de Tumbas e oferendas rituais). Seria, assim, talvez ingênuo questionar um real interesse incaico pelo território da Amazônia e seus respectivos produtos.

Tendo em mente a importância desse *suyu*, foram feitas algumas tentativas ao longo do tempo com o objetivo de delimitar e compreender de maneira mais clara os limites do mesmo. Disso seguiram propostas de Angel Herbas Sandoval (1998), para o qual o *Antisuyu* compreendia as redondezas do rio Madre de Dios; já Jesus Lara (1978) definiu o *Antisuyu* como sendo "all the hot and humid regions beyond the Andean cordillera" (Martins 2007, p.23).

John Rowe (1946) também contribui com esse tema, o autor considerou as encostas orientais dos Andes como partes do Antisuyu. Moseley (1978) considerava que o Antisuyu compreendia somente as cordilheiras de Urubamba e Vilcanota (próximas a Cuzco); Aveni (1980) entendia propôs uma linha leste-oeste de 90° para definir a região. Enquanto Zuidema, por sua vez, acreditava que o suyu seria maior se fosse somada uma área obtida através de abaixar a fronteira até uma linha noroeste-sudeste (MARTINS, 2007, p. 23).

Já Pärssinen (1992) valendo-se de manuscritos acabou revelando um problema na definição das fronteiras, no que se refere a localização de alguns lugares que se imaginava serem pertencentes ao Antisuyu (Yucay, Mara e Chinchero) mas que estariam dentro dos limites do Chinchasuyu. Diferentemente do cronista Santa Cruz Pachacuti Yamqui, que afirmou que estes locais pertenceriam ao Antisuyu. Enquanto isso, na visão de Guaman Poma de Ayala, o suyu em questão partiria de Cuzco, passando pela cordilheira e atingindo por fim o Mar del Norte, como era chamado o Oceano Atlântico (MARTINS, 2007, p. 23). O mesmo problema acontece com relação ao território dos Chachapoyas.

Portanto, não é muito claro para nós as verdadeiras fronteiras e limites utilizados pelos incas para esses suyus, ou mesmo se esse limites eram fixos, tendo em vista se tratar de um grupo em constante expansão territorial. Mas o que é mais evidente era o conhecimento que os incas tinham sobre os povos do Antisuyu, como poder ser demonstrado através de crônicas, como as de Guaman Poma de Ayala, além de iconografias em qros da época colonial.

Sobre as crônicas, começamos citando a Nueva Corônica y Buen Gobierno (1613) escrita por Guaman Poma de Ayala, uma obras que se destaca por apresentar (além dos textos) iconografias que trazem consigo muitas informações adicionais. Dentre as imagens, sublinhamos a caracterização que o autor fez das populações dos quatro suyus, onde a personagem representante do Antisuyu diferencia-se bastante das outras por estar com os seus seios à mostra, encontrar-se em uma floresta e estar cercada por um macaco e uma ave nativa da selva.

Essas características que tornam única a personagem do Antisuyu são similares a imagem que temos sobre populações nativas da Amazônia. Ressaltando também o conhecimento que se havia sobre a fauna local da Selva Amazônica.

Figura 1: Representação de *Capac Mallaquia*, “Senhora do Antisuyu” segundo Ayala.

Fonte: Fólio 125 da *Nueva Corónica y Buen Gobierno* de Felipe Guamán Poma de Ayala.

A nomenclatura e definição de grupos nativos do Antisuyu também é outro aspecto confuso dessa relação. Isso acontece devido a diferenças de classificações e nomes de lugares e grupos. Isso ocorre com o termo Antis que era utilizado para definir diferentes grupos étnicos distintos, os quais também eram chamados de ch'unchus bem como yungas, enquanto grupos de Alta Amazônia no caso dos Schuar (antes conhecidos como Jívarros). Para Lara (1978), o termo ch'unchus compreende povos que viviam próximos ao Madre

de Dios e seriam súditos de Tupac Yupanqui. Herbas Sandoval (1998) concordava com Lara sobre a caracterização dos ch'unchus como sendo pessoas selvagens, belicosas que habitavam a Selva. Tal descrição também era utilizada para os Antis. Já no que se refere ao termo Yunga (utilizado da mesma forma que ch'unchus e Antis) também servia para definir áreas tropicais nos sopés orientais e ocidentais da cordilheira (MARTINS, 2007, p. 28/29).

Há também o caso de grupos nativos de regiões entre suyus, o que complicava a sua definição, como acontece com os Bracamoros (povo que habitava a atual cidade de Jaén) cuja localização se dava entre Chinchasuyu e o Antisuyu, mas eram considerados Antis. O mesmo acontecia com outros grupos, entre eles os chamados chiringuanos. Isso, segundo Martins (2007, p. 29), indica que o termo significava uma categorização cultural, e não uma definição geográfica.

A relação entre os Incas e Antisuyu sempre apresentou diversos percalços ao longo do tempo, pois como já havíamos dito, existia interesse dos Incas em determinados produtos e bens de prestígio que eram encontrados na Amazônia. Além disso soma-se a característica expansionista do Tahuantinsuyu, o qual buscava sempre anexar novos territórios e aumentar seu território.

O resultado dessas duas características tornou o Antisuyu uma área muito cobiçada pela elite incaica, a qual já estendia seu poder e influência para os outros três suyus na época da chegada dos espanhóis (1532). “Nevertheless, not all was to prove easy for the expanding empire as its western territories, the Antisuyu, had an interesting history of being fiercely resistant to conquest by the Incas” (MARTINS, 2007, p. 30).

Quando da chegada dos espanhóis, os Incas tiveram que justificar de alguma forma o fato de não terem anexado esse suyu em particular por completo. Para tanto, de acordo com cronistas dos séculos XVI e XVII, os Antis eram povos extremamente selvagens, não civilizados, violentos, entre outras

adjetivações que mostrassem uma grande dificuldade em se conquistar aquela área.

Essa contraposição do “eu civilizado” contra um outro “bárbaro” foi utilizado por muitos povos ao longo da história do mundo com o objetivo de diminuir o outro povo e/ou justificar uma conquista ou invasão. Sobre isso, Martins (2007) afirma:

“In any case, the concept of barbarian (independently of its local name) may or may not carry ideological contexts, given that by defining a group of people as barbarian one automatically assumes its own culture to be the superior, better and more advanced. Therefore, this serves to justify the conquest and subjugation of those considered barbarous” (MARTINS, 2007, p. 33).

É importante ressaltar que os espanhóis (com toda sua visão de mundo de europeus ibéricos católicos dos séculos XVI e XVII), tiveram acesso a versão da história contada pelos Incas (os quais também possuíam uma cosmovisão particular) que tinham interesse em se mostrar superiores aos Antis. Dessa situação surgiram erros de “tradução”, com os espanhóis compreendendo o que conseguiram filtrar de uma história enviesada transmitida pelos Incas.

A visão de mundo dos europeus os fez traçar alguns paralelos e conexões para dessa forma entender melhor as dinâmicas dessa nova realidade que encontraram na América, que muitas vezes se diferenciavam da visão de populações que possuíam toda uma cultura e modo de vida distintos. Disso surgiram alguns conceitos e classificações errôneas ou inadequadas, tais como classificar o Tahuantinsuyu com “Império Inca” e a comparação que fizeram dos Antis como sendo versões dos “bárbaros europeus” na América. Os princípios, dogmas e concepções religiosas cristãs contribuíram gerando ainda mais enganos, preconceitos e falhas de interpretação.

“As a result, it could be said that the Spaniards, by being introduced to Andean history by the Incas, merged the Incas/Antis opposition with their concept of barbarous (mixed with their European/Christian view of the world which fiercely despises cannibalism, combined with the need to justify the killings of natives in order to fulfill severe ambitions for wealth at any cost)” (MARTINS, 2007, p. 34).

De acordo com Martins (2007, p.34), essa olhar sobre os Antis tornou-se tão forte e enraizada que eles foram “ostracized almost completely from the world of which once they were a fundamental part”. Dessa forma, muitas das crônicas européias da época colonial continham essa imagem dos Antis criada pelos espanhóis, crônicas que são utilizadas até hoje. Ou seja, o quadro que chegou para nós sobre a relação Incas/Antis não corresponde ao que acontecia de verdade, contém interpretações erradas e enviesadas que já duram séculos, o que explica parte do preconceitos que ainda existem sobre o Antisuyu, seus habitantes (e consequentemente os estudos realizados sobre os mesmos) na arqueologia peruana atual.

Partindo do ponto de que parte das situações e da realidade relatadas por cronistas europeus não estão corretas, devido as questões citadas acima, podemos, portanto, imaginar que a relação entre Tahuantinsuyu e Antisuyu tivessem uma dinâmica diferente e mais complexa do que o quadro pintado pelos espanhóis. Em outras palavras, não havia somente uma disputa entre uma suposta “sociedade civilizada” e alguns grupos de “bárbaros e selvagens”, o panorama de interação entre grupos humanos não é tão raso quanto foi transmitido pelas crônicas.

A relação não era feita somente de guerras e ódio, havendo também admiração dos Antis por parte dos Incas. Inclusive, durante o período colonial, alguns tipos de qeros de madeira que foram produzidos pelos Incas apresentavam como iconografia representações de batalhas contra os Antis, além de o Antisuyu e a Selva terem importantes papéis na cosmogonia dual incaica “within an encompassing model postulating opposition between a

superior, male, Andean half and feminine, inferior and threatening lowland half” (Taylor, 1999, p.202 apud MARTINS, 2007, p. 39).

Cristina Bertazoni Martins ainda cita os trabalhos de Renard-Casevitz (1992, p. 200), segundo a qual os Incas consideravam os Antis como sendo seus ancestrais, e que houveram ao longo do tempo momentos de diálogo entre ambos grupos. E Randall (1982, p.61) que afirmou que se os Antis supostamente representavam o passado dos Incas, a conquista do Antisuyu também representaria um domínio sobre o próprio tempo (MARTINS, 2007, p. 40). Em outras palavras, a relação entre esses povos não era belicosa e agressiva como se poderia imaginar levando em conta algumas crônicas, mas sim existiram ligações mais intrincadas, complexas e ambíguas, com momentos de maior ou menor tensão, assim como de convívio mais e menos tranquilo.

1.2 As regiões da Serra de Cajamarca e da Alta Amazônia peruana

Em primeiro lugar, vamos detalhar a região em questão, onde está localizado o museu e de onde parte das peças provém, o que auxiliará na compreensão de parte dos problemas e questões surgidos durante a investigação, demonstrando também a importância do trabalho realizado. Serão analisadas cerâmicas que integram o acervo do museu Hermógenes Mejía Solf, localizado no Instituto “4 de Junio de 1821” localizado na cidade de Jaén, em Cajamarca, Peru. Vale ressaltar que a maioria das cerâmicas do museu são doações feitas por moradores das regiões de Cajamarca, Amazonas, além de algumas partes da Serra. Sendo assim, resulta que grande parte das peças estudadas carecem de maiores informações quanto a sua proveniência, como, por exemplo, alguma forma de registro da escavação. Porém existe para parte das peças um registro da cidade ou distrito de onde vieram, o que auxilia no começo de uma compreensão sobre a região.

O município está situado em uma área de transição, entre a Serra e a Alta Amazônia. Quirino Olivera Nuñez, ao tratar da localidade, diz:

“El area de estudio dinde se realizaron las investigaciones arqueologicas es un espacio geográfico de contato entre la Amazonia y Los Andes, enmarcado dentro de la Alta Amazonia peruana, territorio que también es conocido como Selva Alta o Ceja de Selva. Politicamente abarca las provincias de Jaén em la región de Cajamarca y la provincia de Bagua em la región de Amazonas” (NUÑEZ, 2014, p.36).

Com o objetivo de exemplificar melhor determinadas características geográficas que auxiliarão para uma melhor compreensão da disposição de sitios já conhecidos e montículos, contamos com alguns dados relativos as escavações realizadas pela equipe de Nuñez, destacando os estudos realizados nos sítios “Monte grande” e “San Isidro” localizados na cidade de Jaén, além de “Casual” e “Las Juntas”, que se encontram em Bagua.

Figura 2 - Mapa com as principais localidades da região estudada

Fonte: Nuñez, 2014,p.37.

A cidade de Jaén está localizada na província de Jaén, que, por sua vez, integra o departamento de Cajamarca. O departamento de Cajamarca é composto pelas seguintes províncias: Jaén, San Ignacio, Cutervo, Chota, Santa Cruz, San Miguel, Hualgayoc, Celendín, Contumaza, San Pablo, Cajamarca, San Marcos e Cajabamba. Já a província de Jaén é constituída por alguns distritos, são eles: San José del Alto, Chontalí, Huabal, Santa Rosa, El Paraíso, Sallique, Las Pírias, Bellavista, San Felipe, Jaén, Pomahuca, Chamaya, Vista Alegre, Colasay e Pucará.

Outro ponto importante sobre a região é relativo as altitudes, isso pois, está localizada em um ponto mais baixo na cordilheira dos Andes (Setentrionais). As altitudes das províncias que integram o departamento de Cajamarca variam desde 729 m.s.n.m. (como é o caso de Jaén) até 1850 m.s.n.m. (em Cutervo). Essa informação nos indica que era uma área de fácil acesso, que poderia ser alcaçada sem maiores dificuldades, diferente do que ocorre em outras porções da cordilheira. Isso também indica que o trânsito de pessoas era possível e tanto para adentrar como para sair da área em questão.

Figura 3 - Mapa da Província de Cajamarca

Outra característica fundamental é a hidrografia local, que apresenta diversos rios oriundos das mais variadas localidades, formando assim uma grande rede hidrográfica que compreende uma grande área. Entre os rios presentes na região de Jaén encontram-se: Huancabamba, Tabaconas Chunchuca (ou Huallobamba), Jaén (ou Amojú), Chinchipe e Marañon. A presença de tão relevantes rios contribua no acesso, fluxo de pessoas e também na fertilidade de terras. Sobre a hidrografia, Nuñez comenta:

“El sistema hidrográfico que se presenta em el area de estudio esta conformado por los rios Chinchipe, Utcubamba y Marañon... En la unión de los principales ríos y quebradas donde se forma esta especie de *Tinku*, se han registrado los asentamientos culturales más importantes, tal como se puede apreciar em la union de la quebrada La Peca com el rio Utcubamba, em cual está ubicado el montículo arqueológico Las Juntas, una de las expresiones murales más antiguas de la Amazonía em América del Sur... En la confluência del río Chinchipe com el Marañon se encuentra Tomependa, el complejo arqueológico más representativo de la zona, una especie de Chiavin de Huantar enclavado em la Alta Amazonia del Peru... Asimismo, se puede citar a Huayurco em la union del rio Tabaconas com el Chinchipe, y El Almendral em la desembocadura del rio Chamaya com el Marañon” (NUÑEZ, 2014, p. 36).

Já Ruth Shady e Hermilio Rosas, destacam a presença dos rios e seus efeitos, como as inundações:

“El rio Marañon, entre Bellavista y su confluencia con el Chinchipe, atraviesa terrenos llanos, por las denominadas pampas de El Valor y La Papaya; y continua por un cauce más estrecho y com menor caída a través de la Cordillera Central, pasando las pampas de Rentema, Muyo y Cangario...En el sector de Bagua se producen inundaciones em amplias extensiones debido al rebalse

de los ríos Marañon y Utcubamba. Ellas ocurren del modo siguiente: en época de avenida, el Chinchipe, que tiene fuerte gradiente en su confluencia, empuja las aguas del Marañon y Utcubamba, ríos que discurren en este sector casi a nivel, sin gradiente y con poca velocidad y fuerza, produciéndose, en consecuencia, los desbordes.” SHADY; ROSAS; 1979; p. 122).

Tais inundações eram conhecidas das populações que por lá residiam, sendo que inclusive contribui para a escolha e forma dos assentamentos humanos:

“Recogimos información en la localidad que, en años de intensas lluvias, al retroceder las aguas del Marañon y Utcubamba, se formaba una enorme lagunadesde el lugar denominado La Papaya hasta la Shupina... En documentos de los siglos XVI y XVII se menciona que los grupos humanos que vivían en el área del Chinchipe, Chirinos, y Marañon, tenían establecimientos dispersos, esparcidos ‘porque faltabantierras secas...lamayoria son anegadizas’. Esta característica del medio geográfico de Bagua es importante para comprender la ubicación de los asentamientos humanos en el pasado; y como el hombre, mediante la ocupación de los lugares elevados, en colinas naturales o montículos artificiales, fué adaptándose a las condiciones del medio desde, por lo menos, 1,500 años a.C. En el estado inicial de las fuerzas productivas, los terrenos inundablesfavorecían la práctica agrícola y el asentamientopermanente de la población en esta zona” (SHADY; ROSAS; 1979, p.122 apud SORIANO, 1973, p.30).

Figura 4 - Mapa hidrográfico da Província de Jaén

Fonte: Plan Provincial de Seguridad ciudadana (2016)

A construção de montículos com o intuito de se evitarem as inundações se reflete na presença de diversos montículos próximos às margens e encontros de rios (*tinkus*). A presença de sítios arqueológicos ao longo do rio é perceptível, tendo em vista que ao viajar pela estrada (a qual segue os cursos d'água) aparecem inúmeras indicações de sítios, uma quantidade que chama a atenção. Questões relativas à disposição desses sítios em locais de encontros de cursos fluviais chamam a atenção e constituem um objeto de pesquisa muito interessante para o futuro, tendo em visto que esse cenário de confluência de águas, bem como outros elementos naturais apresentam destaque na cultura dos povos andinos. Em outras palavras:

“La investigación arqueológica realizada hasta el momento permite demostrar que en la unión de los ríos y quebradas se forma un lugar estratégico y sagrado, donde los antiguos pueblos de la Alta Amazonía establecieron sus asentamientos por largos y permanentes periodos de tiempo. Esta unión es denominada Tinku, que convierte a estos lugares como sagrados para la ritualidad y culto a los dioses; los cuales se cree que moran bajo las aguas. Desde tiempos remotos, los ríos en la Amazoná jugaron un rol protagónico para las comunicaciones, la navegación y la organización social de los pueblos. De alguna manera, este sistema de organización social es posible apreciarlo en las comunidades nativas Awajún, cuyos Apus (líderes) están organizados de acuerdo a los ríos y quebradas, en cuyas márgenes están ubicado sus asentamientos” (NUÑEZ, 2014. p. 38).

Figura 5 - Sitios arqueológicos de Almendral y Tomependa, na desembocadura do rio Chamaya no rio Marañon

Fonte: NUÑEZ, 2014, p. 211.

De acordo com Nuñez, Tomependa, (abaixo à direita), localizado na confluência de Chinchipe com Marañon é talvez o complexo mais representativo da zona, “una espécie de Chavín de Huantar enclavado em la Alta Amazonía de Peru” (NUÑEZ, 2014, p. 210).

Por mais que os estudos sobre a região sejam escassos, alguns pontos dentre eles se destacam, como por exemplo, tratar das vias de acesso entre algumas localidades amazônicas e outros pontos dos Andes (Selva, Serra e Costa). Vias essas que possibilitariam um trânsito entre distintos locais e pisos ecológicos, o que daria acesso à toda uma nova gama de produtos e materiais.

Ao se falar de caminhos nos Andes, não podemos deixar de citar os chamados “caminhos incas”, muito embora parte desses caminhos seja provavelmente muito anterior ao apogeu e expansão do *Tahuantinsuyu*. Alguém que tratou do assunto foi o arqueólogo Luis Alfredo Narváez Vargas, que em uma parte de seu livro sobre os Huancas da Amazônia, aborda as estradas que ligavam os sítos destes com outros territórios:

“El camino inca em Huancas, es parte de un amplio sistema regional que continua hacia el sur conectándose con la actual ciudad de Chachapoyas y luego con todos los pueblos del Alto Utcubamba, em la margen derecha del rio. Luego continua hacia el sur, hacia Leymebamba, Chuquibamba y luego hacia Pataz y Bolívar, derivándose luego a Huanuco y Pasco hacia el Cusco. Por el norte, el camino que cruza Huancas, continua hacia Cocachimba y Gocta em la provincia de Bongará para luego continuar hacia el Bajo Utcubamba, conectando Bagua com territorios de Cajamarca hacia el sur y la sierra piurana hacia el norte. Este camino conserva tramos de diversa ancura, delimitados por hileras de piedras a ambos lados, con muros de contención debido al desnivel del terreno, pero además, tiene secciones bien conservadas de escaleras, que em algunos tramos han sido trabajadas em la propia roca. Algunas secciones se asocian directamente com tambos o asentamientos de diversa complejidad” (VARGAS, 2015, p.76).

As rotas mencionadas poderiam ter como função permitir o acesso a alguns bens de prestígio, que surgiriam melhor em um piso ecológico, ou produzidas por alguma população específica, e assim posteriormente seriam dados e/ou negociados com outros grupos que os apreciavam. Narváez também comenta sobre situações desse tipo:

“La asociación del camino inca com Cocachimba es interesante, pues este toponímio hace referencia a un espacio para el cultivo de coca, que esta época fue un asunto de especial transcendencia, pues se trataba de un cultivo de características sagradas. Estos fueron espacios controlados por el estado, que designaba para su cuidado

a un *Cocamayoc*, el oficial encargado de la administración de los campos de coca. De acuerdo con los cronistas españoles, se sabe que la coca era un bien muy apreciado y solamente al alcance de lo más alto del poder del estado. Tanto así, que el mismo inca podría regalarlo a los curacas regionales, pues era un bien que no podría estar al alcance del pueblo” (DE la PEÑA, 1972 *apud* VARGAS, 2015, p. 77).

Figura 6 – Paisagem conhecida como integrante dos “Caminhos Inca”

Parte del Qhapaq Ñan o Camino inca. Distrito de Huancas.

Fonte: VARGAS, 2015, p. 78.

Ainda sobre o Qapac Ñan e sua importância no mundo andino (tanto no passado quanto no presente), Vicente Rojas Escalante diz:

“... el Camino principal andino o Qapaq Ñam, conforma una red vial que une a seis países andinos, a partir del proceso conducido por los Incas, de integración y complementación de la infraestructura vial precolombina preexistente al Incario y su ampliación hasta alcanzar una longitud total de 23,000 km, conformando una surte de columna vertebral integradora de los espacios que conformaban el Imperio Incaico, uniendo a su paso las poblaciones e infraestructura religiosa y logística de aquel entonces, cuyos restos son hoy en día monumentos arqueológicos...” (ESCALANTE; NUÑEZ, 2014, P.218).

Uma outra questão que costuma aparecer em alguns textos e fontes é uma ligação da Alta Amazônia (e costa norte peruana) com o Equador. Seja essa ligação citada através de crônicas, da similaridade de construções que também aparecem no Peru, ou mesmo devido à existência de pequenas estatuetas de pedra (de origem equatoriana) encontradas no fardo funerário da Sacerdotisa de Chornancap, na costa norte do Peru, região de Lambayeque.

Ressaltamos que essa ligação entre populações de Peru e Equador não é algo novo na arqueologia, sendo mencionado faz muito tempo, como por exemplo trabalhos ainda dos anos 40 de Donald Collier (1948), com artigo que pressupõe influências estilísticas da cerâmica “peruana” na produção “equatoriana”. Tais citações e evidências contribuem com a visão de que certas rotas e vias eram utilizadas por diversas populações (em tempos pré e pós coloniais), não isolando as populações.

“La conexión entre pueblos del sur de Ecuador y norte del Peru está indicada en las referencias a viajes que eran realizadas de un lado a outro del área. La Condamine, em 1743, atravesó Loja, Jaén, y Mainas, desciendo el Marañon por el Chinchipeen balsa (RAIMONDI, 1876/79, tomo II, p.292/95); y Humboldt, em 1802 visitó las provincias de Quito y Loja, pasando luego a

Huancabamba , Jaén, Mainas, y Cajamarca (RAIMONDI, 1876/79, tomo III, p. 16/17). Hemos verificado que esas rutas son utilizadas aún em la actualidad)” (SHADY; ROSAS, 1979, p. 125).

O arqueólogo equatoriano Francisco Valdez vai ainda mais longe, propondo uma cultura (local) “Mayo Chinchipe Maraño”. O faz levando em conta recipientes de pedra:

“La personalidad y la unidad de la cultura Mayo Chinchipe Maraño tienes su más alta expresión em el trabajo de la piedra. Esta materia es utilizada para producir objetos utilitarios y rituales, siempre cargados de poderosos valores idológicos. Recipientes cerimoniales trabajados em piedra pulida se encuentran a lo largo de toda la cuenca del Chinchipe, com ejemplares de altíssima calidad em las proximidades de Bagua, allende de su desembocadura em el Maraño. Uno de los sítios más conocidos por la cantidad de objetos trabajados em piedra, Huaca Huayurco (Cajamarca, Peru) fue considerado por vários arqueólogos como un verdadero centro especializado de producción y distribución de cuencos y platos” (VALDEZ, 2013, p.61).

Além disso, soma-se relatos de cronistas e trabalhos de outros pesquisadores que indicam relações antigas entre as duas regiões, como por exemplo a troca de produtos exóticos, além de campanhas de expansão territorial e política.

“Em meados do Período Inicial existiram, na Costa Norte, extensas redes de trocas de variados produtos exóticos provenientes de regiões longínquas das terras do atual Equador ao norte e a leste do alto até o outro lado da cordilheira na Amazônia peruana. Dessa forma, “as populações criaram uma rede de intercâmbio que estaria sob o domínio das elites dos [diversos] centros cerimoniais” dos quais, a construção e a ornamentação – na costa e na serra – estariam sob a força de “uma ideologia mágico-religiosa que conceituava um mundo natural sacralizado com a presença de seres antropozoomorfos, fantásticos” (Elera 1993: 237). Desse modo, também destacamos o controle dos meios

produtivos e da orientação ritualística envolvida no uso desses produtos exóticos” (FIGUEIREDO, 2014, p. 53).

A grande quantidade de rios, a distância coberta pelos mesmos, bem como o fluxo de pessoas que eles permitiam consiste uma grande característica da área: a acessibilidade, a qual é possível não somente por terra, como também por água, facilitando a interação entre povos e acesso a diferentes recursos. A viabilidade de grupos de pessoas viajarem pelas redes fluviais e terrestres foi realizada por cronistas espanhóis, que relataram suas experiências. Além de que muitas dessas vias e caminhos continuaram a ser utilizadas durante muito tempo (SHADY; ROSAS; 1979, p. 125).

Em outras palavras, devido às cerâmicas estarem descontextualizadas, estamos realizando um estudo de coleção (com todas as imitações que esse tipo de pesquisa implica) com peças oriundas de uma região pouco estudada. Portanto, nosso estudo pretende apresentar uma pequena fração das cerâmicas da Alta Amazônia peruana, possibilitando uma base de referência para pesquisas posteriores.

1.3 Um panorama sobre os estudos arqueológicos da Alta Amazônia peruana

Para abordar o universo de pesquisas desenvolvidas na área estudada é imprescindível trazer à vista questões relativas à pouca atenção que foi dada pela arqueologia, de modo geral. A carência de estudos arqueológicos desenvolvidos na Alta Amazônia peruana possui diversas motivações, sejam elas históricas, políticas, teóricas, geográficas ou socioeconômicas. Nas palavras de Santiago Uceda Castillo: “Hablar de la arqueología amazónica nos trae a la mente varios paradigmas formulados, tanto desde el lado académico como desde el imaginario popular...” (CASTILLO *apud* NUÑEZ, 2014, p.22). Sobre o lado da academia Nuñez acrescenta:

“El primero de estos paradigmas está referido a que se consideró, desde la academia, que em la selva no existió un origen autónomo de socieades complejas tempranas. El argumento para esta afirmación fue dado desde una perspectiva teórica aduciendo una incapacidad de los suelos de este território para permitir un desarrollo de la agricultura intensiva que permitiera la acumulación de una economía excedentária a una elite dirigencial... Sin embargo, estes investigadores, estos investigadores, ha olvidado que em outras partes del planeta se desarrollaron sociedades complejas em medios tropicales como aquel de la Amazonia” (NUÑEZ, 2014, p. 22).

Já sobre a pesrpectiva da visão popular, o autor ainda comenta:

“Por outro lado, desde el imaginario popular, los serranos y costeños hemos visto a la región amazónica como outro mundo, donde la lujuriosa vegetación no permitiría el desarrollo de la civilización; antes se tendria que destruir la capa densa de árboles que cubre el suelo donde el hombre civilizado puede vivir. En este medio tan hostil sólo podrian vivir salvajes semidesnudos conviviendo com la naturaleza, pues no tienen la capacidad de transformarla. Solamente com la llegada de la alta tecnologia del mundo occidental - em la era industrial - este espacio ajeno a nuestro empezó a ser poblado” (NUÑEZ, 2014, p. 22).

Tais afirmações reforçam que esta aparente falta de interesse sobre a Alta Amazônia não se restringe ao meio acadêmico, e sugerem que este distanciamento está enraizado na sociedade. As origens desse preconceito para com a região de selva vem de muito tempo, e tem também seus motivos.

Em parte, essa visão pejorativa da Amazônia e de seus povos advém do processo de colonização, visto que antes da chegada dos espanhóis a área era bastante povoada por diferentes populações, que mantinham distintas relações entre si. Porém em decorrência de doenças trazidas pelos europeus além de fugas, o cenário mudou muito e de forma abrupta.

“...When navigating the Amazon River in 1542 Carvajal claimed to have found densely populated settlements with thousands of inhabitants. The explores recall witnessing a fortified sanctuary presided over by carved jaguars which they compared with the work of European craftsmen. They also claimed to have seen enourmous jars capable of holding about 450 litres each, and fine plates beatifully decorated, better than the ones made in Mlaga and comparable with Roman porcelain. These early conquistadores also witnessed self sufficient complex societies where both men and women were skilled

artisans producing a range of materials and tools made of bones, shells and wood. They bred turtles which generated a stock of food for less fertile times and manioc was their main staple food. All this suggests sophisticated levels of organization among these Indians. However, the next Spanish expedition that went by the same route only about twenty years later could not glimpse the majority of these things. Bthis time, disease had killed thousands of Indians and destroyed most of their way of life. Later, when Francisco de Requena explored the same region in 1782, the Amazon was nothing more than a land of barbarism and untamed cannibals” (FERNANDEZ ARMESTO, 2003; p.40 apud MARTINS, 2007, p. 52/53).

Uma visão de uma Amazônia pouco habitada, com “pequenos grupos humanos (e animais) selvagens”. Além disso, deve-se ter em mente que o que chegou até nós de forma escrita sobre os Andes e a Alta Amazônia foi passada pela população com quem os espanhóis mais tiveram contato, os Incas. Dessa forma, o que sabemos sobre esses outros povos são, em geral, informações passadas pelos Incas (com todos as suas necessidades de discurso), e que tais informações foram também filtradas por mentes ibéricas do século XVI (e suas respectivas cosmovisões). Em outras palavras:

“Secondly, most of the Spaniards’ views on the Antisuyu were in some degree passed to them by the Incas themselves. As is well know, empires generally rewrite history in order to justify ideologically their own presence and their right to rule a determined group of people (SINOPOLI, 1994). In the case of the Incas, they would often promote their Incan *pax* as an ideological justification in order to excuse the inclusion of a great variety of groups living in Andean region. Thus, after having been included in the Empire, these ethnic unities would be promised the benefits from the Empire and its protection.” (MARTINS, 2007, p.54/55).

O resultado desses problemas e interpretações preconceituosas sobre o meio, a forma de vida e as populações amazônicas colocam desafios à pesquisa. Esta porém, não se faz totalmente no escuro. Foram produzidos, sobretudo ao longo dos últimos anos, pesquisas cujas análises e observações arqueológicas (e também historiográficas) que nos apresentam um panorama do local. Entretanto, há de se constatar que os estudos acumulados ainda são poucos, esparsos e cobrem poucas áreas, populações e/ou sítios.

Dessa forma, o que temos em nossas mãos são dados que muitas vezes não conversam entre si, informações às vezes mais aprofundadas e

outras mais superficiais sobre algum assunto ou população específica. Falta um panorama mais geral sobre a Alta Amazônia e, como já mencionado, não há ainda cronologia relativa estabelecida como acontece com a costa norte (mesmo com todos os problemas oriundos dela).

Portanto, com o intuito de esclarecer melhor o atual estado dos conhecimentos acerca do tema em pauta, exporemos um histórico de assuntos e pesquisas já realizados. Esperando assim demonstrar o que já se conhece e (posteriormente) de que forma acreditamos que nossa pesquisa poderá ter seu valor. Ressaltando aqui o levantamento de trabalho anteriores realizado por Nuñez (2014), através do qual nos foi possível tomar ciência de algumas pesquisas que desconhecíamos, sobretudo na área do museu e das cerâmicas analisadas.

A selva instiga pesquisadores faz muito tempo, mas poucos realmente se aprofundaram nos estudos sobre a mesma. Já foram levantadas hipóteses sobre relações com a Amazônia (terras altas e baixas) desde o início do século XX, muito em parte devido a presença de elementos típicos da selva, como animais e plantas, na iconografia da cerâmica ou mesmo no registro arqueológico em contexto de regiões dos Andes Centrais, indicando assim ao menos que tais áreas não eram desconhecidas. Isto fica ainda mais evidente com a presença de elementos selváticos em itens de prestígio ou rituais, sugerindo que alguns elementos amazônicos poderiam integrar a cosmovisão de populações de outros pontos dos Andes. Infelizmente, porém, como já mencionando poucos pesquisadores deram atenção a essas recorrências, devido em parte aos pré conceitos já citados anteriormente e, fortemente, ao determinismo ambiental que marcou as pesquisas arqueológicas sul-americanas durante boa parte do século XX.

“En 1919, el doctor Julio C. Tello descubre Chavín de Huantar y señala que el origen de la civilización andina se encontraba en la Amazonía. Desde aquella época, pocos arqueólogos se han aventurado a continuar con esta hipótesis; por el contrario, la mayor parte de las investigaciones arqueológicas están concentradas en la costa y sierra del Perú. La selva fue siempre marginada porque se pensaba que el ambiente era poco propicio para el desarrollo de

sociedades complejas (STEWART, 1948; KAUFFMANN DOIG; RAYMOND, 1988 & TAYOR, 1999). Sin embargo, la mayoría de los diseños iconográficos registrados en la costa y sierra están inspirados en imágenes de plantas y animales procedentes de la Amazonía; la trilogía del jaguar, el águila arpia y el caimán (BURGER, 1992; LATHRAP, 1970/71 & TELLO, 1960), constituyen el sustento simbólico, cerimonial y religioso de los grandes templos, que surgen y marcan el inicio de la civilización en estas dos regiones. Donald W. Lathrap, continuando con la teoría de Tello, a partir de sus investigaciones en Yarinacocha cerca de Pucallpa, planteó que esta zona habría sido un centro de innovación cultural temprano en América del sur; incluyendo desarrollos como la alfarería y la vida sedentaria agrícola. Desde esta área nuclear temprana, se habrían difundido los desarrollos culturales a otras partes del continente, a través de movimientos poblacionales” (NUÑEZ, 2014, p. 42).

Curiosamente, quase um século depois, Francisco Valdéz (2015) voltou a tratar de inovações cerâmicas oriundas da Amazônia:

“Aunque no hay figurillas humanas, como en la cultura Valdivia, s hay recipientes de efigie que demuestran el alto grado de habilidad que tuvieron los maestros ceramistas para reproducir la forma humana con sus distintas expresiones faciales. De igual manera se reprodujeron las formas naturales de ciertos vegetales: calabazas y zapallos lobulados son frecuentes. Algunas formas caprichosas y otras simétricamente geométricas forman parte del repertorio de estos antiguos ceramistas. Entre las formas notables cabe señalar la presencia por primera vez en el registro arqueológico de América, la botella denominada con asa de estribo, por la similitud que esta tienes con esse objeto.” (VALDEZ, 2015, p. 60).

Assim, como visto, alguns outros arqueólogos continuaram trabalhando com algumas investigações originalmente propostos por Tello, como por exemplo Pedro Rojas Ponce e Donald Lathrap. Já durante os anos 1970 foram desenvolvidos outros trabalhos e escavações foram levadas adiante, tendo destaque espaços próximos a rios e bacias, novamente demonstrando o prestígio que os cursos d'água possuíam para os grupos em questão.

“En 1979, Jaime Miasta Gutierrez realizó excavaciones en Michanal y Cerezal, ubicados a tres kilómetros de la desembocadura de los ríos Tabaconas con el Chinchipe. El autor menciona que Cerezal tiene ocupaciones del Precerámico, semejante a la fase Mito en Kotosh (Huánuco) y ala de Huaca Prieta en el valle de Cchicama en la costa del Pacífico. Asimismo, la ocupación Cerezal, inmediatamente posterior a Michanal, estaría vinculado con

Pandache, Machalilla, Momil, Chorrera, Pacopampa, Bagua, Tocaquillo y la fase Maracá. También, encuentro vinculaciones com Tutishcainyo y Kotosh” (NUÑEZ, 2014, p. 46).

No mesmo ano, em 1979, Ruth Shady apresentou o resultado de suas escavações realizadas em Bagua (Amazonas). Seu empenho resultou em um grande conjunto de informações bastante diversas, interessantes e fundamentais para a arqueologia local. A partir desse estudo foi prosta uma cronologia para o que seria a cultura arqueológica Bagua (1300 a 200 a.C.), mostrando que as ocupações da bacia do rio Utcubamba mantinham vínculos com “las sociedades establecidas em Pacopampa (Cajamarca) y las antiguas culturas de Chorrera, Machalilla, Alausi, Cañar, Macas y la tradición de Cerro Narrío em Ecuador” (NUÑEZ, 2014, p. 46).

Shady, além de analisar características das cerâmicas escavadas (morfológicas e tecnológicas), faz uma descrição do meio ambiente local, identificando diferentes zonas ecológicas que abrigam espécies animais e vegetais também distintas. Trata também das redes fluviais, assentamentos, alimentação dessas populações, entre outros assuntos. A autora ainda, ao levar em conta algumas informações características, propunha que a posição do sítio de Bagua seria “estratégica”:

“Podemos concluir que Bagua ocupa una posición estratégica, como lugar de contato, puerto de comunicación y tráfico de gentes y bienes de: (1) Las poblaciones de los valles interandinos del sur del Ecuador a través de Chinchipe o Tabaconas. (2) Las tierras bajas, o selva, del Amazonas al este. (3) La sierra andina, al sur, Chota, Cutervo. (4) Las que vienen del occidente, pasando Huancabamba y siguiendo por Tabaconas, Jaén. Bagua conecta sítios de la costa y sierra andina co los de la selva amazonica. Estas vias son importantes para explicar las relaciones que se observaentre los componentes arqueológicos del área durante el Formativo” (SHADY; ROSAS, 1979, p. 126).

Com base nos sítios que tinha conhecimento (lembrando que ainda não haviam sido escavados sítios singulares como os estudados por Nuñez e Valdéz), Shady propôs um modelo de funcionamento das sociedades locais, baseadas na agricultura, e em centros religiosos que:

“Sugerimos que, durante el Formativo en la sierra del norte del Peru, las poblaciones estuvieron organizadas em aldeas agrícolas dispersas, com su estrutura social y actividades religiosas; y que los centros cerimoniales surgieron em lugares de contacto e interacción entre las poblaciones, no solo para el intercâmbio entre comunidades sino para el tráfico comercial entre los centros a cargo de una elite de función, que realizaba servicios publicos, vinculados a mecanismos religiosos. El poder de esta elite dependia de su prestigio y funciones; situación que podría encontrarse em la gestación de una organización estata pero que carecía de todavía de los rasgos que caracterizan a esta” (SHADY; ROSAS, 1979 p. 127).

A autora ainda firma que:

“Los sítos formativos de Bagua presentan características de aldeas de distribución dispersa, tamaño variado, pudiendo albergar entre 5 y 25 unidades familiares cada una, com su respectiva tierra de cultivo y lugar cerimonial. Las viviendas debieron ser de materiales más bien endebles pues no han dejado restos reconocibles. Se fabricarían recintos de caña y ramas entretrejidas, como es usuak hoy en la región. La distribución de los sitios formativos, comparada ala actividad que realizaban sus ocupantes em los siglos XVI y XVII y em la actualidad, sugiere un tipo de economia básicamente autosuficiente em cada aldea, donde la agricultura fué praticada como principal medio de subsistencia, suplementada por la casa em los bosques y la pesca em los rios. Sin embargo, un margen de la producción de bienes era sacado de la aldea para su contato com el mundo exterior y, al parecer, hasta distancias considerables.” (SHADY; ROSAS, 1979, p. 127/128).

Muitos anos se passaram até que fossem iniciadas novas pesquisas arqueológicas na Alta Amazônia. Na década de 1990 foram realizados alguns estudos, dentre eles prospecções no sítio de Tompependa, localizado na desembocadura do rio Chinchipe com Marañon. Enquanto em 1998, “por primera vez se reportaron elementos de arquitectura monumental con pinturas murales, asociados a cerámica incisa policromada del Periodo Formativo”, este ultimo resultaria em um artigo da PUC (NUÑEZ, 2014, p. 46).

Finalmente a partir dos anos 2000 começaram a ser levadas em frente um número maior de investigações, começando pelo sítio Ingatambo, localizado no Cerro Ninabamba, em Jaén. Foram conduzidos trabalhos por Ymamoto (2012), que identificou três fases de ocupação do sítio, que seriam:

Huancabamba (Formativo Inicial e “Temprano”, a fase Pomahuaca (Formativo Médio), e a fase Inгатambo (Formativo Tardio) (Nuñez, 2014, p. 46). No mapa abaixo, reproduzido a partir de Yamamoto (2012), observa-se a posição geográfica de Inгатambo.

Figura 7 – Mapa com os principais de sítios arqueológicos da região andina

Fonte: Yamamoto, 2012.

As escavações conduzidas por Yamamoto foram registradas em detalhes em planos e perfis estratigráficos. O autor apresenta desenhos

técnicos detalhados da edificação, com seus muros e plataformas. Os informes dos trabalhos de campos publicados por Yamamoto apresentam informações importantes sobre a constituição de sítios da região.

Ao abrir trincheiras no sítio, foram encontradas cerâmicas, enterramentos, muros e plataformas. Assim como foram detectadas diferentes fases de ocupação do sítio, inclusive cerâmica Chimu/Inca aparecendo em pisos ligados ao formativo, indicando além da presença destes grupos, uma reutilização (ressignificação) do espaço:

“En todas las unidades de la Trinchera 1 hemos encontrado fragmentos de cerámica del Intermedio Tardío u Horizonte Tardío como Chimú-Inca no solo en la capa de tierra movida sino hasta unas capas superiores. Sin embargo, también hemos registrado fragmentos de cerámica del Formativo en las capas inferiores, por eso podemos identificar la existencia de ocupación de 2 épocas generales en esta parte. La mayoría de las construcciones pertenecen al Período Formativo. El Período Chimú-Inca habría reutilizado la Plataforma de Formativo para su actividad. Generalmente no se encuentra mucha cerámica en las capas del Formativo” (YAMAMOTO, 2012, p. 19).

Durante as expedições realizadas, foram também encontrados muitas informações e sítios ligados ao Período Formativo (YAMAMOTO, 2006, p. 11/12). Mais recentemente essas áreas vêm recebendo cada vez mais a atenção de pesquisadores do Peru e de outras partes do mundo, valendo a pena ressaltar os já mencionados trabalhos realizados pelo arqueólogo peruano Quirino Olivera Nuñez e pelo arqueólogo equatoriano Francisco Valdéz, os quais vêm se dedicando há anos na consolidação das pesquisas e articulações institucionais necessárias para o fortalecimento da arqueologia da Alta Amazônia. Ambos engajados em um projeto de arqueologia binacional, inserido no “Plan binacional de desarrollo de la Región Fronteriza Perú Ecuador”. Nas palavras do “director ejecutivo del capítulo ‘Peru’ y del plan Binacional y ex Embajador de Perú em Ecuador”, Vicente Rojas Escalante:

“El tema de una arqueología binacional implica un trabajo de investigación y estudio coordinado que comprende

involucra a dos naciones em un determinado espacio actualmente transfronterizo, pero que siglos atrás respondía a una dinámica territorial y demográfica diferente. Se trata del caso que representan los estudios que vienen efectuando los arqueólogos Francisco Valdéz y Quirino Olivera em las zonas de Zamora/Chinchipe, Jaén y Bagua” (ESCALANTE apud NUÑEZ, 2014, p.214).

Valdez fez pesquisas importantes na Amazônia equatoriana, onde foi possível encontrar sítios muito singulares e antigos, contribuindo sensivelmente para uma mudança da visão acerca das sociedades dessa região:

“Valdez (2005), investigador del Instituto de Investigación y Desarrollo (IRD) de Francia, dedicado a estudiar el sitio arqueológico de Palanda, Santa Ana La Florida (Ecuador), realizó conjuntamente com el equipo de trabajo un recorrido por la cuenca del río Chinchipe, desde su nacimiento com la quebrada Palanda y el río Valladolid hasta su confluencia com el río Marañón em Tomependa. Se hizo la visita a un conjunto de sítios arqueológicos, entre estos se encontraba Huayurco com evidencia de ocupación temprana, además de observar los cambios que se producen em el paisaje natural de esta zona. Culminando este periplo com la visita al museo Hermógenes Mejía Solf del Instituto 4 de Junio, dirigido por Ulisses Gamonal em Jaén, se examinó un conjunto de artefactos trabajados em piedra. Los cuencos de piedra rojo y blanco com diseños grabados atrajeron el interés de Francisco Valdez debido a sua similitud com los recipientes de piedra que descubrió como parte de las ofrendas de los contextos funerarios em Palanda y Santa Ana/La Florida em Ecuador” (NUÑEZ, 2014, p. 46).

Outro projeto importante, iniciado em 2009, intitulou-se “Investigación y Valoración del Patrimonio Cultural em la Zona Nor Oriental del Marañón”, a partir do qual foram registrados sítios pelos arredores de Bagua, Jaén e Utcubamba. Entre eles estavam sítios com arte rupestre, montículos, etc (NUÑEZ, 2014, p. 48). Logo em seguida, Clasby (2010) resolveu analisar as propostas de Lathrap e Rojas Ponce, os quais viam Huayurco como um sítio importante que se ligava ao mesmo tempo com as terras baixas da Amazonia, a Costa e a Serra, para isso realizou prospecções e escavações.

“Como resultados de estas, se registraron múltiples entierros de individuos jóvenes debajo de los muros, ofrendas exóticas, cerámica fina y un despliegue de pequeños fogones sobrepuestos. Estos últimos sugieren que la estructura tuvo alguna clase de significado

ritual. Además, sostuvo que la arquitectura y su distribución horizontal resultan únicas para la zona de selva, comparable con la arquitectura descubierta por Olivera en Montegrande y Valdez en Santa Ana/ La Florida, a lo largo del Zamora Chinchipe, cerca de la ciudad al sureste de Ecuador. Asimismo, afirmó que ambos sitios parecen datar de períodos más tempranos de Huayrico, representando antecedentes de las tradiciones arquitectónicas del sector G.” (NUÑEZ, 2014, p. 48).

Outro ponto que merece ser destacado é o já mencionado fato dos estudos arqueológicos mais aprofundados na região de Cajamarca e Alta Amazônia serem recentes, nem sempre existindo tipologias estilísticas ou cronologias estabelecidas; diferentemente da Costa e partes da Serra andinas. Essa lacuna de cronologias estabelecidas é ruim por um lado, porém de outro justifica os estudos que vêm sendo realizados, sobretudo porque parte desses vem contando com datações radiocarbônicas, como é o caso dos dados de informes de escavações contemplados no capítulo três. Além disso, as revisões ou reestruturações que precisam ser feitas na cronologia relativa andina enfrentam muito menos resistência nos estudos arqueológicos da Amazônia Peruana do que em outras partes dos Andes, onde algumas visões estão demasiadamente cristalizadas.

No contexto da Serra peruana e as regiões fronteiriças tanto com a selva quando com a costa peruana, a “cultura arqueológica” mais estudada é Cajamarca, que de acordo com Shinya Watanabe (2010), possui um estilo cerâmico que não sofreu grandes alterações ao longo do tempo:

“En otras palabras, en esta región se presenta una continuidad clara de la tradición ritual originada durante el Período Formativo, al que siguió el desarrollo de la cultura Cajamarca, la que se caracterizó por la producción de cerámica elaborada a base de caolín, una práctica que continuó hasta la conquista española” (Reichlen y Reichlen 1949; Terada y Matsumoto 1985; Julien 1988 apud Watanabe 2010).

Watanabe ainda afirma sobre a cerâmica cajamarca que “durante el Horizonte Tardío, la cultura material de los Cajamarca continuó sin sufrir cambios grandes bajo el dominio incaico” (cf. Terada y Matsumoto apud Watanabe 2010). Outras importantes informações trazidas pelo autor dão conta da expansão dos Wari que chegou até os Cajamarca e os Lambayeque durante o Horizonte Medio:

“Aquí surge la pregunta acerca del carácter de la situación en el valle de Cajamarca relacionada con el ‘fenômeno Wari’ durante el Horizonte Medio. Se ha explicado que es un época en la cual el Estado wari, con su capital ubicada en la sierra centro-sur del Perú, se expandió a lo largo de um amplio território y alcanzo Cajamarca y Lambayeque por el norte” (Schreiber 1992, 2005 apud Watanabe 2010).

Sobre a chamada cerâmica caolín, que caracteriza as fases do estilo Cajamarca, Watanabe (2009) afirma que:

“La mayoría de la cerâmica caolín Cajamarca presenta la forma de taza con base anular o redonda; no se fabricaron botellas, cántaros, escudillas o tinajas. La decoración és pictórica con diseños geométricos y naturales representando a felino y a humanos, escaseando la decoración plástica. Se usaron los colores como el negro, rojo, blanco y morado, siendo este ultimo usado en menor cantidad. También existe la cerâmica caolín no decorada” (WATANABE, 2009, p.210).

A autora ainda diz que:

“Una característica de la cultura Cajamarca es la fabricación de cucharas elaboradas en caolín. Por algunas razones se podría interpretar que había intención de usar la taza de caolín con la cuchara, a pesar de que el porcentaje de las cucharas es bajo en relación con el de las tazas. En primer lugar, la taza y la cuchara comparten los mismos diseños; en segundo lugar, la forma de la cerâmica caolín es mayormente una taza con boca abierta, no muy profunda, permitiendo el alcance de la cuchara. Por otro lado, en la cerâmica caolín no se han encontrado botellas, cántaros o vasijas muy profundos” (WATANABE, 2009, p.210).

Além de sua forma característica, a cerâmica caolín de Cajamarca se destaca pela cor mais clara, não apresentando exemplares feitos com queima reduzida. Desse modo, ainda que a cerâmica de Cajamarca, tanto da Costa como da Serra venham sendo sistematicamente estudadas, as variedades e variações estilísticas (Dias e Silva 2009) são muitas, o que reforça a demanda pelo avanço dos estudos sobre os fluxos estilísticos de conjuntos cerâmicos atribuídos aos distintos pisos ecológicos andinos e necessidade de

questionamento sobre as “fronteiras” estabelecidas pelas cronologias relativas que embasam os estudos arqueológicos andinos (ARCURI 2017, 2018).

Figura 8 – Exemplos da cerâmica Cajamarca

Fonte Shinya Watanabe 2009, p. 233.

Na mesma ótica, o que pretendemos demonstrar, por meio das análises realizadas, é que as cerâmicas estudadas nessa pesquisa, sejam elas escavadas ou atribuídas a contextos da Alta Amazônia Peruana, reforçam a demanda por uma revisão fina da cronologia relativa utilizada no estudo das coleções arqueológicas.

Para realizar esta pesquisa adotamos uma metodologia de análise semiótica, a qual entende a linguagem como um sistema de signos cuja compreensão pode se estender à cultura (FRANKLIN 1996 apud FIGUEIREDO 2014, p.22). Assim, buscamos identificar padrões morfológicos e sua relação com unidades mínimas de significação (sememas), como proposto nos estudos de semântica visual, ou *visual language* (BROTHERSON 1992; ARCURI 2005,

2009, 2013). Observada nos conjuntos cerâmicos, a simbologia expressa nos vasos é ainda comparada aos contextos deposicionais ou padrões de dispersão do registro arqueológico observado em contexto, sempre que possível.

Conforme já explanado anteriormente, os aríbalos, por exemplo, formam um conjunto de peças de forma bastante singular nos andes, facilmente atribuída ao período de domínio incaico e, portanto, à região de Cuzco. A presença de aríbalos em museus da Costa Norte Peruana é significativa. Eles são geralmente identificados como de origem Inca-local (ou chamado estilo “Inca Provincial”), por apresentarem uma mescla de características estilística tanto da cerâmica incaica como local. Durante nossas atividades de campo, pudemos identificar cerâmicas com formato aribaloíde tanto nos museus do vale de Lambayeque quanto em Jaén. Nos exemplos observados, identificamos um grande número de características que constituem os aríbalos cusquenhos, dentre elas a base cônica e instável, duas alças presentes no bojo, gargalo alongado, bordas extrovertidas, além de apliques encontrados na parte superior dos bojós. Nota-se também que alguns dos exemplares possuem as linhas de limitação de campos de representação que são característicos da iconografia dos aríbalos incas de Cuzco, bem como motivos fitomorfos, elementos também característicos do estilo cusquenho.

Apesar de certa similaridade morfológica e iconográfica entre os aríbalos analisados (a maioria dos exemplares, de ambas as regiões, apresentam o mesmo tratamento de superfície), alguns exemplares se destacam pela diferenciação no estilo tecnológico. Ainda que não pudemos incorporar na pesquisa uma análise sistemática dos estilos tecnológicos, algumas variantes saltaram aos olhos durante a análise das peças, casos em que a pasta cerâmica ou as técnicas de finalização e queima da peça fugiu do padrão.

O mesmo tipo de situação ocorreu no caso da análise dos vasos de alça estribo, uma morfologia típica da Costa Norte peruana mas que está presente entre as peças do Mejía Solf e que vem aparecendo entre os exemplares

escavados nos projetos arqueológicos mais recentes da Alta Amazônia Peruana e Equatoriana. Na Costa Norte, a presença dos vasos de alça estribo se dá desde o Período Formativo, entre as cerâmicas mais antigas produzidas no mundo andino. Na nossa pesquisa destacam-se os exemplares da chamada cultura Mayo-Chinchipe – Marañon que habitava a Alta Amazonia equatoriana, na bacia hidrográfica do rio Chinchipe (que é um dos afluentes do rio Marañon) (VALDÉZ, 2013, p. 8). Segundo Valdéz:

“Entre las formas notables cabe señalar la presencia por primera vez en el registro arqueológico de América, la botella denominada con asa de estribo, por la similitud que esta tiene con esse objeto. Se ha discutido mucho del origen de la inspiración de esta forma. Para algunos seria la proyección de una forma natural, el cuerpo de un mate alargado o de una calabaza curva, utilizada como un recipiente cerrado para transportar y beber liquidos... Las Fechas más certeras para evaluarla antigüedadde este tipo de botella corresponden a las dataciones obetenidas de la tumba de pozo sellada en la que se encontraron cuatro ejemplares em un mismo depósito. La edad medida por el método de carbono 14 para dos muestras tomadas de este rasgo funerario es de 3700+/-40 AP, pero que al ser calibrada a 2 sigmas se traduce em 4220 a 4210 AP (2270 a 2260 a.C.). Esta forma tan particular aparece luego em los contextos costeros de la fase terminal de la cultura Valdivia (Staller 1994), y de la cultura Machalilla (Meggers et al 1965) al igual que em la cultura de la sierra norte de Ecuador conocida como Cotacollao (Villalba 1988). En el Perú es una forma emblemática em toda la época precolombiana, desde su aparición em la cultura costera de Cupisnique hacia ela 800 a.C” (VALDÉZ, 2013, p. 60-61).

A alça estribo é uma das características mais presentes na cerâmica da Costa Norte Peruana, sendo encontrada nos estilos Mochica, Chimú, Lambayeque-Chimú. Observa-se a grande quantidade de diferentes estilos, formas e iconografias, alguns representando personagens antropomorfos, divindades, plantas, animais, entre outros motivos. Sendo encontrados exemplares tanto produzidos através de queima oxidante quanto por queima reduzida, com a última técnica aparecendo bastante nos estilos Chimú e Lambayeque . Sobre a utilização da alça estribo na Costa Norte, Márcio Figueiredo diz:

“No que diz respeito às formas, há recorrência de certos padrões entendidos dentro de uma tradição regional da Costa Norte peruana. Muitos artefatos são as tradicionais garrafas de gargalo em alça estribo,

vasilhas de bojo duplo e outras formas escultóricas (antropomorfas, zoomorfas, antropozoomorfas, entre outras, que resultam em uma grande infinidade de representações) com as alças e o gargalo estribo (geralmente com bordas retas ou levemente inclinadas internas). Também encontramos muitos vasos que exibem o gargalo e alça estribo lateral...” (FIGUEIREDO, 2014, p.81).

Ainda sobre esse tipo de alça, Valdéz afirma:

“Es una forma construída que hace la síntesis de un proceso creativo, que une a la forma básica de un recipiente estrecho, ça invención de un sistema que impide que el contenido del mismo se derrame accidentalmente al manipular la pieza, La doble vertedera se convierte em un asa que puede ser manipulada sin reparo, ya que el gollete y el picodel recipiente son estrechos y pueden ser tapados hermeticamente...” (VALDÉZ, 2013,p.60).

Quanto as cerâmicas oriundas de Jaén, pudemos observar, assim como no caso dos aríbalos, os vasos de alça estribo que apresentaram relativa distinção tecnológica em relação os exemplares de Lambayeque, além da identificação de peça com dois gargalos e decoração incisa (esta última, uma característica que aparece no Vale de Lambayeque apenas durante o Formativo).

Igualmente, como já foi dito, a variabilidade e as variações da cerâmica de atribuição cajamarquenha são muitos importantes para se entender a região de transição entre a Serra e Selva peruanas, o que é reforçado pelo fato desse estilo praticamente não ter mudado muito durante uma grande escala temporal, mesmo durante as expansões Wari e, posteriormente, Inca. A cerâmica “Cajamarca Costeño”, por conseguinte, apresenta alguns aspectos da cerâmica da Serra, e tantos outros da cerâmica da Costa Norte, como por exemplo a pasta feita com argila local (e não caolín). Sobre esse estilo, Watanabe (2009) afirma:

“Por último, para entender la dinámica cultural ocurrida en la fase Cajamarca Media quisiéramos hacer referencia a un grupo de cerámica denominado em general «Cajamarca Costeño», porque presenta similitud con la del valle de Cajamarca. Cajamarca Costeño no presenta similitud con el Cajamarca Cursivo Floral, sino más bien con la cerámica no caolín de dibujo geométrico y de color rojo de la sierra. Se trata de platos o tazas con base anular o trípode, con dibujos geométricos de color rojo sobre la pintura blanca en el lado interior y pintados como una

banda en color blanco cerca del borde en el lado exterior; no son importados, sino elaborados en el lugar con la arcilla no caolín de color anaranjado. Hasta ahora se han encontrado en la costa norte, sobre todo en el Jequetepeque hacia el lado norte, o sea en la zona del Moche del Norte, y en el valle medio de Jequetepeque. Es de notar que la cerámica Cajamarca Costeño no solamente aparece en los contextos funerarios, sino también en los contextos domésticos como es el caso de la cerámica caolín en el valle de Cajamarca.” (WATANABE, 2009, p. 229).

Ligações entre a Alta Amazônia peruana e a Costa norte peruana são, em realidade, observadas no registro arqueológico desde o Formativo Inicial pré-cerâmico, com a presença de determinados produtos selváticos na região costeira. Como exemplo, foi encontrado na segunda fase construtiva da Huaca Ventarrón (em Lambayeque) um sepultamento de uma arara *Ara Arauna*, animal nativo da floresta tropical (ALAVA MENESES 2012, p.139). Os aspectos envolvendo o sepultamento atestam para a importância que tal ave deve ter possuído para a sociedade em questão, pois a mesma encontrava-se com o esqueleto completo, e contava com uma fratura cicatrizada em uma de suas asas. Ainda, no contexto deposicional, a arara estava coberta por um colar de contas feito com pedras verdes de crisocola. Curiosamente, de acordo com Nuñez (2014, p.132), também foi encontrada uma arara completa enterrada na Huaca Montegrande, em Jaén, demonstrando assim a importância desse animal para diversas sociedades andinas ou, talvez, mesmo um mesmo tipo de ritual compartilhado por diferentes povos.

1.4 Breves considerações sobre o Vale de Lambayeque – Costa Norte peruana

A bacia dos rios Chancay – Lambayeque é composta por duas partes distintas, uma parte mais alta de serra e a parte baixa (o vale propriamente dito). O Vale de Lambayeque localiza-se na Costa Norte peruana e sua altitude varia desde o nível do mar até os 500 m.s.n.m. Sua seção mais baixa varia entre 0 e 50 m.s.n.m.. Apresenta uma topografia plana, solo fértil e hoje é ocupado pelas cidades e centros povoados de Chiclayo, Lambayeque, Pomalca, Pimentel, Eten, Monsefú, Reque e Santa Rosa (BRACAMONTE, 2015, p. 19).

A parte média do vale varia entre 50 e 160 m.s.n.m. Caracteriza-se por terrenos mais ondulados, principalmente em Pucalá e Tumán, área bastante propícia e de vocação para as atividades agrícolas, desde tempos bastante remotos⁶. Já a porção alta do vale que varia entre 160 e 500 m.s.n.m. Possui montanhas íngremes e estreitas, onde se forma o rio Chancay. A agricultura também é presente, mas em menor escala (BRACAMONTE, 2015, p. 23).

O Vale de Lambayeque apresenta ocupações antiquíssimas, destacando-se pela presença da arquitetura monumental desde o pré-cerâmico, como o caso da Huaca Ventarrón, imponente templo com murais policromados erigido há mais de 4 mil anos (ALVA MENESES 2012). Por se tratar de uma área que foi densamente ocupada ao longo dos últimos milênios, apresenta-se como zona extremamente rica às investigações arqueológicas.

Entre as sociedades mais conhecidas que ocuparam o Vale de Lambayeque está a cultura Moche Norte, que durante o período Intermediário Inicial (200 a.C. a 600 d.C.) construiu diversas edificações monumentais, além de uma vastíssima quantidade de cerâmicas produzidas a partir de moldes. Sobre a temática das peças Moche, Figueiredo (2014) afirma:

“Além da tradição Mochica de representar figuras com atributos de poder explicitamente relacionados à hierarquia social e às esferas religiosa e política, a iconografia da cerâmica Moche é composta pela ampla e diversificada representação de animais, plantas, figuras antropomorfas e figuras antropozoomorfas, de caráter ‘sobrenatural’ ” (FIGUEIREDO, 2014, p.82).

A “cultura” Moche ou Mochica foi dominante na Costa Norte do Andes ao longo de grande parte do primeiro milênio. E sua produção cerâmica tem sido estudada por grandes nomes da Arqueologia Peruana. A cerâmica é dividida em diferentes fases cada qual com sua especificidade. Ainda sobre algumas representações:

⁶ Pesquisas arqueológicas recentes no Vale de Lambayeque têm apresentado evidências de que a domesticação de plantas e os primórdios do desenvolvimento agrícola remontam ao segundo milênio da era pré-cristã (ARCURI, no prelo).

“Na iconografia da cerâmica Moche (anexo 22) temos a recorrência da *serpente bicéfala* ou *serpente felina* que é associada nos estudos da iconografia Mochica à divindade conhecida como *Ai Apaec* ou *divindade intermediadora* que é reconhecida por atributos de traços felínicos e especialmente pelos *colmillos* (presas) (Golte 2009: 69-73). Larco atribuiu o vocábulo *Ai Apaec* às divindades com presas identificando uma divindade principal do “panteão” Mochica reconhecível por este atributo” (FIGUEIREDO, 2014, p. 106).

Posteriormente, o vale de Lambayeque também foi o local de outras civilizações, entre as quais citamos os chamados Lambayeque, ou Sicán, de acordo com Shimada (1985, 1995), que se desenvolveram durante o Intermediário Tardio (900 a 1350 d.C.). Para Izumi Shimada, esse grupo teria surgido devido a colapsos dos Wari (em Ayacucho). Ainda segundo o autor, os Sicán teriam promovido um reavivamento das políticas e ideologias dos Mochicas (BRACAMONTE, 2015, p.127). O mito de Naylamp (personagem representado com frequência na cerâmica Lambayeque) remontava a origem dessa civilização, muito embora:

“...los datos arqueológicos viene confirmando la ‘tardia’ presencia de la dinastía de Naylamp en las tierras donde antiguamente el Señor de Sipán y sus descendientes gobernaban. Chero (2013) ha obtenido fechados alrededor de los años 850 - 900 d.C. para contextos con presencia total de materiales mochica tardio y cajamarca. Al parecer los primeros elementos culturales relacionados con Naylamp aparecerían después de año 1000. d.C.” (BRACAMONTE, 2015, p. 133)

O registro arqueológico do Vale de Lambayeque também aponta claramente para as relações das populações costeiras com aquelas que ocupavam a Serra Cajamarca, como pode ser demonstrado pela presença de peças Cajamarca Costeña no fardo funerário da sacerdotisa de Chornancap, além de alguns elementos utilizados trabalhar metais serem obtidos na região de Cajamarca.

De forma geral, a cerâmica Lambayeque apresenta gargalos cônicos, alça em fita, base pedestal e muitas delas são feitas com queima reduzida. São muito também característicos da região, mais especificamente da área de florescimento da chamada cultura Sicán, em Batán Grande (SHIMADA 2014)

os vasos conhecidos como *huaco-rey*, que apresentam o rosto do fundador mítico Naylamp no gargalo.

Finalmente, como já visto, o Vale de Lambayeque foi também uma área de ocupação dos Chimú, a partir do século XIII da era cristã. Aparentemente, os Chimú também interagiram com a presença inca em Lambayeque (não sabemos precisar em que nível esse convívio foi belicoso ou de negociação), depois que o poderio Inca expandiu “suas fronteiras” sobre para a Costa Norte, em direção ao Reino de Chimor, durante o Horizonte Tardio (1400 - 1532).

Lembramos, ainda, que dentre as principais características da cerâmica Chimú estão a utilização da técnica de queima reduzida e a existência de apliques (redondos ou na forma de macacos) na junção do gargalo como a alça estribo, ambos traços que podem ser entendidos como pontos de ligação com as culturas arqueológicas “de fronteira”: com o estilo Moche e outros estilos precedentes típicos da porção setentrional da Costa Norte, cujo principal traço é a alça estribo (desde a cerâmica Cupisnique do Formativo); e com o estilo Inca Provincial, que mantém a queima reduzida como importante traço estilístico da cerâmica.

Alguns pontos relevantes a essa pesquisa, que pudemos observar sobre essas cerâmicas estilo Cajamarca e Cajamarca Costeño, são: a grande variedade de formas do estilo da Costa, o qual não fica limitado a pratos e/ou colheres, mas sim inclui jarros, potes, bacias, etc; enquanto os exemplares de Jaén consistem apenas em pratos. Também é perceptível uma diferença quanto o tratamento da pasta utilizada em ambos conjuntos, sendo as cerâmicas da Costa mais finas e as da região de Cajamarca mais grossas e porosas. Também a iconografia das peças indicam diferenças de repertórios, como por exemplo a representação de ondas na Cajamarca Costeño (motivo que é bem recorrente nas cerâmicas Lambayeque e Chimu), e pequenos apliques na forma de aves (o que não é visto nos conjuntos de Jaén).

Entre outros aspectos notados na comparação desses estilos destacou-se a presença de pedestais em todos os pratos de ambas as coleções (característica incomum nos contextos dos outros vales da Costa Norte), em detrimento de uma variação clara no tratamento iconográfico, uma vez que praticamente todas as cerâmicas encontradas na tumba da Sacerdotisa de Chornancap possuem iconografia tanto interna quanto externa; já as cerâmicas do Mejía Solf possuem apenas decoração externa.

Assim como os exemplos supracitados, outros indicadores de análise se destacaram, como demonstraremos no segundo capítulo da dissertação: são eles a variabilidade de estilos de gargalos, inclusive os antropomorfos; a presença de personagens antropomorfos com genitálias expostas em ambos conjuntos; a presença da serpente de duas cabeças, motivo típico da Costa Norte, nas peças do Mejía Solf; a presença dos “olhos de café”, atribuídos aos estilos cerâmicos amazônicos, em peças da Costa Norte, e assim por diante⁷.

O que nos foi possível apreender, após analisar todas essas cerâmicas, foi que o acervo do Museu Hermógenes Mejía Solf parece ser composto por “uma miscelânea de tradições e estilos cerâmicos”, alguns bem conhecidos e já estudados, já outros muito pouco conhecidos e sobre os quais ainda deverão ser realizados muitos estudos, pois a região amazônica dos Andes foi muito pouco estudada até o presente momento. Pudemos verificar que alguns conjuntos têm correspondência com estilos da Costa Norte (e vice-versa), o que é bastante notável com relação à cultura Lambayeque/Sicán, a qual apresenta alguns temas de Amazônia, além da aparente ligação com a cultura Cajamarca.

A análise do material e as leituras realizadas também foram nos apontando algumas questões e direções, entre elas, além de uma possível

⁷ A presença de espécies exógenas no repertório iconográfico é entendida como uma das causas (ou) de contatos entre os povos dessas distintas regiões, os quais teriam surgido, (ou se mantido) pela procura de produtos “exóticos”, como no caso de povos da costa norte a procura por plumas de aves, plantas alucinógenas (ou não), entre outros bens de prestígio. Esse assunto é tratado por autores como Shimada, Wayanabe (2009), Bertazoni, Quirino Olivera Nuñez entre outros. Como exemplos podemos citar por exemplo, metais de Cajamarca utilizados pelos Lambayeque/Sicán tratados por Shimada, e também a presença de um esqueleto de arara na Huaca Ventarrón (ALVA MENESES, 2012).

correspondência com a cultura Lambayeque/Sicán, também uma relação importante com povos e culturas do Equador, o qual é percebido através da presença de artefatos cerâmicos e líticos vindos do Equador dentre os achados fortuitos encontrados e/ou escavados nas regiões de Jaén, e Bagua, através da similaridade dos artefatos da cultura Mayo-Chinchipe com os da Serra/Selva peruana (até porque os últimos também encontram-se nas bacia dos rios Chinchipe e Marañón), também graças à presença de pequenas esculturas de pedra vindas do Equador no fardo funerário da sacerdotisa de Chornancap, sem contar a relação histórica dos Incas com o Equador (mais especificamente Quito). Essa ligação com as culturas do Equador merece ser aprofundada no futuro.

Portanto, não podemos cravar a existência desses contatos até o momento, nem saber que grau de interação pode ter havido entre esses povos, se teriam sido vínculos comerciais, bélicos, ou algum outro tipo. Não obstante, o que nos parece é que essas regiões não eram isoladas, como se defendeu até muito recentemente na arqueologia.

Consideramos importante ressaltar, novamente, que este é um estudo de coleções e, assim, muitas delas não apresentam contexto de escavação. Porém, tendo sido elas doadas ao museu Hermógenes Mejía Solf, pudemos recuperar algumas informações sobre proveniência ou áreas de maior ocorrência de afloramento de material arqueológico. O trabalho com coleções é de suma importância (apesar das limitações impostas à análise do registro), visto que muitas vezes estes objetos descontextualizados ou ignorados por pesquisadores carregam informações valiosas que podem ser compreendidas por metodologias específicas ao estudo de conjuntos artefatuais, como o estudo semiótico aqui proposto ou os estudos arqueométricos que poderão complementar as análises, uma vez conhecidos os conjuntos estilísticos. Vael ressaltar, é ainda maior a importância do estudo de coleções em casos como este, onde não se tem pouquíssima referencia acadêmica sobre a arqueologia da região de ocorrência artefatos. Trata-se de um um meio de inciar o trabalho, elucidando questões e proporcionando algum ponto de partida para pesquisas futuras.

Capítulo 2 – As crêmicas arqueológicas do MUseo Hermógenes Mejía Solf: um palimpsesto de formas e estilos

2.1 A natureza do *corpus* da pesquisa e os desafios enfrentados

Conforme dito anteriormente, nossa pesquisa consiste em um estudo de uma coleção cerâmica formada em grande parte por peças descontextualizadas, oriundas de uma região que nunca foi estudada de maneira mais aprofundada ou contínua. E, além disso, não há uma cronologia relativa da região a partir da qual é possível se orientar (como acontece em outras partes dos Andes).

Essa realidade nos impõe alguns desafios, tendo em vista que, como já foi tratado, a região em questão consiste em um local com muitas possibilidades de acesso, permitindo assim a ocorrência de fluxos de diferentes partes dos mundos andino e amazônico. Sendo assim, a tarefa de compreender possíveis contatos torna-se bastante complexa, uma vez que muitos desses povos não

Durante a pesquisa várias questões surgiram e algumas foram mudando conforme as análises prosseguiam; em alguns casos, isso se deu por não serem as perguntas mais adequadas para o momento ou estágio dos estudos da área. Assim, iniciamos o trabalho com o intuito de compreender possíveis contatos entre Incas e povos da floresta amazônica através de um estudo de coleção cerâmica. Porém, a dificuldade de equalizar a vasta bibliografia sobre a presença Inca na Costa Norte e a exígua produção sobre a Alta Amazônia logo se mostrou um enorme desafio.

Conforme já comentado, os estudos arqueológicos realizados no Andes contam com cronologias relativas estabelecidas há muitas décadas; estas continuam sendo amplamente utilizadas por arqueólogos que trabalham na região. Entretanto, a utilização (sem maiores críticas) das mesmas durante

tanto tempo acabou por naturalizar e cristalizar certos pressupostos que balizaram as pesquisas arqueológicas. O resultado disso foi a constituição de um imaginário em que o desenvolvimento das sociedades andinas teria se caracterizado por processos homogêneos e lineares, em que domínios políticos fechados em si mesmos e imutáveis teriam se sucedido ao longo dos tempos. Na contramão dessa visão, hoje as pesquisas arqueológicas no Andes têm proporcionado uma panorama bem mais aberto de dinâmicas sociais, sendo as cronologias relativas originadas a partir de uma perspectiva difusionista cada vez mais questionadas e debatidas.

Ou seja, essa imagem sobre as populações que lá viveram foi internalizada nos estudos arqueológicos realizados nos Andes a tal ponto que passou a ser dada como certa, não sendo questionada, mas sim propagada. Mas como se chegou a isso? Qual o problema com essa perspectiva? E o que esta pesquisa tem a dizer sobre o assunto? Para responder essas perguntas partiremos de algumas noções, questões históricas bem como relativas ao estudo de coleções e estilos com o intuito de assim também elucidarmos mais sobre a nossa própria pesquisa.

2.2 O Museu Hermógenes Mejía Solf

Como já foi dito, o Museo Mermógenes Mejía Solf está localizado na cidade de Jaén, mais especificamente no I.E.S.T.P. “4 de Junio de 1821”, uma espécie de escola técnica, com alguns cursos a disposição.

Figura 9: Fachada do museu Hermógenes Mejía Solf

O museu surgiu da iniciativa e esforço do professor Ulisses Gamonal Guevara, que durante várias décadas salvaguardou artefatos encontrados nas redondezas pela população local, estimulando que as peças fossem doadas para o museu, e não vendidas. Trata-se de um intenso trabalho de conscientização da população sobre a importância de preservarem as peças. A coleção foi principalmente constituída por meio de doações de moradores da região de Jaén, do Departamento de Cajamarca e Amazonas. Mais de uma vez, durante nosso período fotografando as peças do museu, pudemos presenciar pessoas trazendo novas doações para o acervo, sejam peças arqueológicas ou paleontológicas.

A exposição do museu abarca uma grande diversidade de assuntos e temas explorados a partir do acervo. Entre as coleções que constituem o mesmo, além das coleções arqueológicas, está uma coleção paleontológica, conjuntos de produtos e objetos atuais da região da Alta Amazônica como revistas, livros e artesanatos, uma vitrine com objetos (atuais) e artefatos oriundos de outros países, como Equador e Paraguai.

A coleção arqueológica, especificamente, compreende uma grande coleção de artefatos líticos (pratos, estatuetas e pilões) que é tratada com grande destaque no museu. As peças líticas pertencem a chamada tradição Huayurco, oriunda da região. Outra parte da coleção arqueológica é composta pelas cerâmicas que se tornaram objeto desta pesquisa. O acervo cerâmico do museu Hermógenes Mejía Solf é constituído por um grande número de peças oriundas de diversas localidades do município de Jaén, entre outros do entorno na região da Alta Amazônia. Assim, a coleção é marcada por uma diversidade de formas e “decorações”, estilos sobre os quais não se conhece muito, devido ao já mencionados problemas acerca dos estudos arqueológicos da Alta Amazônia peruana.

Destacamos também a organização do museu, tanto física quanto no que se refere a fichas e dados das peças. As cerâmicas expostas no museu

estão distribuídas em diversas vitrines e estão divididas de acordo com critérios do próprio museu, como por exemplo critérios morfológicos: rostos, instrumentos fragmentos diversos, além de separações com base na cultura atribuída, tais como vitrine para peças denominadas “Inca Local”, outra com peças provenientes da região de Lambayeque, bem como aquelas que guardam os artefatos tidos como produzidos por culturas locais da Alta Amazônia.

Figura 10: Organização interna do museu

Foto: João Augusto Rodrigues Silva

Figura 11: Vitrines com cerâmicas da Alta Amazônia e do Vale de Lambayeque

A última imagem nos dá uma boa visão de como é feita a exibição das peças no museu, deixando mais claros alguns dos critérios adotados pelo museu. No caso acima, podemos ver uma separação (identificada com etiquetas na vitrine) entre as peças oriundas de Lambayeque (as peças acima à esquerda e da prateleira do meio), que foram feitas com queima reduzida e as peças da Alta Amazônia (abaixo à esquerda e acima na prateleira da direita). Portanto, podemos identificar que a organização do museu é realizada através de critérios estéticos (baseados na morfologia) bem como através da origem das peças, não sendo estes critérios muito aprofundados.

Também são perceptíveis as diferenças e inconsistências na catalogação do museu, que por vezes mostra-se confusa, com a mesma cerâmica apresentando mais de um nome, números distintos ou mesmo uma classificação culturais confusas.

Merece destaque também a reserva técnica do museu, a qual armaneza um grande número de peças não expostas (mas não apresenta uma organização clara). Entretanto, o acervo também serve de local para depositar para diversas outros objetos não arqueológicos, entre eles animais conservados em formol, maquetes do instituto, instrumentos musicais modernos, entre outras coisas. Ou seja, a reserva técnica consiste em um depósito do Instituto “4 de Junio de 1821”, o que exemplifica as condições que concernem a existência do museu nesse local.

2.3 – A importância do estilo nos estudos de coleções

É importante discutirmos noções e conceitos de estilo, recorrendo como são levados estudos da cerâmica arqueológica nos Andes, bem como nossa visão sobre os mesmos, de forma que podemos e o que pretendemos com essa pesquisa.

O fato da Amazônia peruana não possuir uma grande cronologia relativa ao mesmo tempo que é um problema, também é de certa forma “libertador”. Isso porque a presença de cronologias relativas baseadas nos tipos cerâmicos pode tornar algumas concepções muito engessadas, colocando as culturas arqueológicas em “caixas” fechadas e limitadas, não correspondendo aos movimentos políticos e sociais de sociedades vivas.

Ainda que nossa pesquisa não fuja em absoluto de conceitos histórico-culturais, nós tentamos buscar formas de romper com os mesmos, visto que não correspondem às mudanças que povos e sociedades passam, sejam eles acordos, casamentos, guerras, negociações, trocas de influências, entre outros.

Dentre os principais problemas que nossa pesquisa apresenta, destaca-se o fato de que, além das cerâmicas serem descontextualizadas, não contamos com coleções de referência que possuem datação ou mesmo mesmo uma classificação em que possamos nos basear. Dessa forma, por mais que apresentem diferentes características morfológicas e iconográficas, não podemos afirmar muito mais sobre a sequência de origem das peças, nem sobre os povos que as produziram. Podemos, sim, identificar estilos diferentes e também possíveis influências de outros estilos, como no caso de algumas vasilhas que apresentam características do chamado estilo Inca provincial, peças com estilo muito semelhante à cerâmica da região de Lambayeque, na Costa Norte peruana, outras cujos traços se aproximam de cerâmicas produzidos em outros contextos amazônicos. Assim, é válido reiterar que o conhecimento mais aprofundado sobre a presença dessas cerâmicas nos contextos de Jaén e Bagua dependerá de estudos futuros, mais amplos e avançados, que poderão contar com o panorama preliminar de conjuntos e características de peças que foram aqui analisadas, uma vez que nos propusemos a analisar uma coleção nunca antes observada pela pesquisa arqueológica em seu conjunto.

Alguns pesquisadores da região, baseados em escavações controladas e datações precisas criaram cronologias para os sítios em que realizaram seus

trabalhos. Esses dados fornecem informações que possibilitam um maior entendimento de diferentes sítios dentro da área e consequentemente da área em si. Citamos como exemplo as pesquisas de Yamamoto sobre o sítio Ingatambo, para o qual estabeleceu uma sequência de fases e as comparou cronologicamente com outras culturas dentro do modelo de John Rowe.

Figura 12 – Cronologia do sítio Ingatambo.

	Períod y Horizonte	Períod	Ingatambo	Chota (Pacopampa)	Bagua-Jaén	Cajamarca	Piura		Lambayeque
1533	Horizonte Tardío	Inca	Quinta Tambo			Cajamarca Final	PiuraE	Inca	Sican Inca
1470							Piura D	Chimú	Sican Chimú
	Intermedio Tardío	Estados regionales	Cuarta			Cajamarca Tardío	PiuraC	Sican Tardío	Sican Tardío
1100								Sican Medio	Sican Medio
900	Horizonte Medio	Huari					Piura B	Sican Temprano	Sican Temprano
						Cajamarca Medio	Piura A	Vicus	
450							SechuraE	Moche Tardío	Moche V
	Intermedio Temprano	Desarrollos regionales				Cajamarca Temprano	SechuraD	Moche	Moche IV
200						Cajamarca Inicial	Sechura C	Vicus-Moche	Como-Gallinazo
50		Fomativo Final							
250					El Salado	Layzón	SechuraB	Vicus Encantada	Como-Salinar Vicus
400		Formativo Tardío	Tercera Ingatambo	Pacopampa Chavin		EL			
800	Horizonte Temprano		Segunda Pomahuaca	Pacopampa Pacopampa	La Peca		SechuraA	Panecillo	
					Bagua II	Huacaloma Tardío			
1000		Formativo Medio			Bagua I		PaitaC-D	Ñañaniqué	Como-Cupisunique
1200					Morerilla	Huacaloma Temprano			
1500	Período Inicial	Formativo Temprano	Primera Huancabamba	Pandanche			PaitaA-B		
1800									
	Precerámico	Formativo Inicial					Negritos		
2500									

Fonte: YAMAMOTO, 2011, p. 7.

Yamamoto também construiu um quadro cronológico regional, o qual vemos abaixo:

Figura 13 – Quadro da região de fronteira da Amazônia peruana e equatoriana.

	Ecuador			Perú					
	Costa	Sierra		Ingatambo	Bagua	Piura	Pacopampa	Huacaloma	Kuntur Wasi
0					El Salado			Layzón	Sotera
200	Guayaquil		Catamayo D					EL	Copa
500					La Peca				
800	Chorrera	Cerro Narrío	Catamayo C	Ingatambo III	Bagua II Bagua I	Panecillo	Pacopampa II	Huacaloma Tardío	Kuntur Wasi Idolo
1000			Catamayo B	Ingatambo II	Morerilla	Ñañanique	Pacopampa I	Huacaloma Temprano	
1500	Machalilla	Cotocollao		Ingatambo I			Pandanche		
2000	(Valdivia 8a-8b)		Catamayo A						
2500	(Valdivia 4-7)								
3000	Valdivia 2b-3								
3500	Valdivia 1a-2a								

Fonte: Yamamoto, 2012, p. 402.

Igualmente, Quirino Olivera Nuñez apresentou, em 2014, uma cronologia para os sítios pesquisados. Sobre estes, ele afirma:

“Un aspecto que se debe considerar para establecer la cronología de los sitios investigados em Jaén y Bagua es la ubicación de los mismos, puesto que, al ubicarse em los Andes Septentrionales mantienen una estrecha relación com las culturas d Ecuador; por esta razón la arquitectura descubierta por Francisco Valdéz em Palanda, Santa Ana La Florida en la naciente Chinchipe, es bastante similar com la arquitectura em forma de espiral o caracol descubierta em Montegrande. En consecuencia, la cronología para los sitios de Jaén y Bagua debe medirse teniendo em cuenta los parámetros cronológicos de las culturas de Ecuador, em las cuales el Formativo dela costa se inicia em 4000 a.C. Los sitios arqueológicos de Jaén y

Bagua, ubicados em un corredor geográfico natural conformado por la cuenca del río Chinchipe, además de los permanentes vínculos y relaciones culturales que existieron em el pasado com las culturas de Ecuador, constituyen el inicio de una de las más grandes civilizaciones en esta parte de Amazonia; cuyos aportes y manifestaciones recién se están descubriendo” (NUÑEZ, 2014, p.194).

Os resultados das datações radiocarbônicas calibradas para os sítios escavados por Nuñez são acompanhados de interessantes informações contextuais. Em Montegrande (Jaén), os carvões datados foram oriundos da segunda capa estratigráfica, extraídos do norte do montículo e associados ao sepultamento de uma criança acompanhada de uma agulha de cobre. As datas indicam 510/390 a.C., “correspondiente al Formativo Tardío”. No caso do sítio San Isidro, localizado na mesma cidade, as datas obtidas a partir de amostras da capa 1, do “relleno” junto ao muro sul, estão datados em (1410/1450 d.C.).

Nos casos dos sítios localizados em Bagua (Amazonas) as datações oriundas de Casual, onde foram retiradas amostras da capa 1 de “relleno”, no muro oeste do montículo indicam aproximadamente 50/70 a.C., ou seja, relativas ao Formativo Final Andino. E finalmente, em Las Juntas, as datações obtidas das amostras da capa 1 do “relleno asociado a las pinturas murales”, apresentam datações de 1020/1160 d.C. (NUÑEZ, 2014, p.196).

Sobre os resultados das datações, Quirino diz:

“Los estudios radiométricos de C14 efectuados a las escasas muestras de carbón registradas em las primeras capas de los rellenos, indican que los eventos de Montegrande y Casual habrían sido realizados durante el Formativo Tardío y el Formativo Final; em cambio, las muestras de San Isidro y Las Juntas indican que los eventos del relleno corresponderían a los años 1020 y 1410 d.C., lo cual genera algunas interrogantes em relación a la cerámica que se registra como parte de este relleno. En el caso de San Isidro, existen fragmentos que estarían relacionados com el Formativo Temprano y Medio; em cambio em Las Juntas, los fragmentos de cerámica se relacionan com el Formativo Medio y Tardío.” (NUÑEZ, 2014, p. 196).

Cronologias

Os arqueólogos histórico-culturalistas criaram cronologias para diferentes sociedades ao redor do mundo. Com esse intuito, catalogaram cerâmicas, metais, construções, artefatos líticos, entre outros artefatos, e a partir disso e da estratigrafia em que os mesmos foram encontrados, organizaram as diferentes culturas que puderam identificar.

Mas até que ponto essas catalogações de materiais correspondem e enquadram as sociedades que os produziram? Será que essas divisões notadas na cultura material realmente representem as divisões e culturas das populações? No caso da presente pesquisa, temos nossas dúvidas. E esses questionamentos foram em parte suscitados devido ao panorama que encontramos numa região em que as visões ainda não estão cristalizadas.

Conforme já mencionado, umas das cronologias mais utilizadas e de certa forma ainda vigente nos Andes foi a proposta por John Rowe (1962), que partiu do trabalho e o conceito de “horizontes” proposto por Max Uhle ainda na década de 1940.

Rowe então dividiu os diferentes estilos cerâmicos e dessa forma concebeu o formato baseado em períodos de maior ocorrência de um mesmo estilo em grandes áreas do território andino, e também em períodos que apresentam mais diversidade regional de formas e estilos, estes últimos denominados intermediários. De acordo com Figueiredo (2014):

“Os chamados períodos intermediários intercalados aos horizontes fazem alusão a momentos da história Andina em que – segundo o olhar dos arqueólogos – se manifestam processos de desenvolvimento locais ou regionais evidenciados pelo registro arqueológico. O termo horizonte foi inicialmente adotado por Max Uhle para o período de dominação Inca. Posteriormente o termo foi adotado por muitos pesquisadores para indicar a relativa “unidade” ou similaridade observada na variabilidade estilística, arquiteturas, ritualismo e economias entre as sociedades identificadas nesses períodos pela arqueologia nos Andes peruanos que teriam

caracterizado as ocupações de vastos territórios, muitas vezes entendidos como domínios regionais (Urton 1999:15)” (FIGUEIREDO, 2014, p. 43).

Esse modelo proposto por Rowe continua sendo utilizado até os dias de hoje. Entretanto algumas visões estão mudando em detrimento de dados provenientes da escavação de outros sítios, revisões de algumas pesquisas e noções estabelecidas, além de métodos mais precisos de datação, que podem confirmar ou questionar os dados de cronologia relativas.

Estilos

O acervo cerâmico analisado nessa pesquisa, oriundo do museu Hermógenes Mejía Solf, constitui-se como um palimpsesto de formas e estilos distintos. Compõem essa coleção alguns exemplares de vasilhas, pratos, jaras, rostos, entre outros, com traços estilísticos conhecidos e desconhecidos, mas igualmente importantes para uma maior compreensão sobre áreas e os povos que a habitavam.

Antes de adentrarmos na análise do material, porém, consideramos necessário apresentar uma breve discussão acerca do conceito de estilo, visando assim demonstrar a amplitude do debate atual sobre o tema, e como esta pesquisa procura contribuir com o mesmo.

O debate sobre o significado de “estilo” é antigo na arqueologia, cada um com um olhar que muitas vezes reflete o pano de fundo teórico destes, e todos contribuíram com a reflexão.

Márcio Baúso Figueiredo (2014) trata sobre estilo apresentando também a visão de outros pesquisadores sobre o tema, ressaltando que o conceito de estilo apresenta diversas abordagens e utilizações.

“Michael Dietler e Ingrid Herbich (1998), por exemplo, estabelecem uma discussão sobre o conceito de estilo oferecendo múltiplas visões,

em que este pode, por exemplo, ser entendido como reflexo do comportamento cultural ou como uma ferramenta ativa nas estratégias da ação social (Dietler M. & I. Herbich 1998: 238). Já Craig Morris e Julián Idilio Santillana (2010: 15) levantam questões pertinentes para a interpretação de objetos arqueológicos como: ênfase em quantidade ou qualidade dos mesmos, distinção na qualidade tecnológica de artefatos de um mesmo grupo, que tipo de gente produzia tais objetos e qual a sua posição social, quem administrava a produção, como era feita a distribuição desses bens, se existe uma limitação de acesso a eles por grupos sociais específicos, porque esses objetos eram produzidos etc” (FIGUEIREDO, 2014, p. 65).

De acordo com Michelle Hegmon (1992) sobre o conceito de estilo utilizado ao longo do tempo na arqueologia:

“In past decades, - including the early years of the New Archaeology - many archaeologists defined style as a component of material culture, that is, as formal variation not determined by technological constraints (4:25), (110:321). Style was studied primarily as a diagnostic code for us to interpret (120:287; see also 16:9); and the distribution of styles or ‘stylistic variability’ (4:203) was analyzed to define space time systematics and gain information about prehistoric social groups. While this approach can be criticized for treating style as a passive phenomenon (119:89; 140), it is also worthy of praise, especially in terms of the analytical process. When style is defined as a component of material culture, a close analytical link is maintained between the object of study (i.e. patterns of formal variation) and the subject (i.e. style).” (HEGMON, 1992, p. 518).

A autora complementa:

“More recently, archaeologists have attempted to understand style from a more active perspective. The various definitions of style presented above, along with other perspectives on style and material culture articulated recently... consider style to be a component of human activity. While this perspective is obviously attractive in view of current anthropological interests, it is somewhat problematic analytically because it separates the subject (style as a component of human activity) from the object of study (material culture variation). While archaeologists are often skilled at developing effective bridging arguments that relate subject and object..., it is all too easy in stylistic research to ignore rather than recognize and bridge the subject/object gap. As Conkey (16:10/11) notes, material culture variation is sometimes treated as if it were human activity or stylistic communication” (HEGMON, 1992, p. 518/519).

Esses excertos nos servem apenas de exemplo dentro de um escopo multivariado de debates que foram travados sobre estilo e cultura material⁸, no âmbito dos referenciais da Arqueologia, Antropologia, História e áreas afins. Tendo em vista as distintas naturezas dos campos de pesquisa dessas disciplinas, consideramos que nenhuma definição poderia ser proposta como absoluta, dada a amplitude de perspectivas de abordagem da cultura material. Ainda nas palavras de Hegemon,

“Researchers have recognized that no single theory can explain all aspects or all facets of material culture variation, and they have likewise recognized that style is not a unidimensional phenomenon. In the past few years a number of archaeologists have identified various kinds of style, which may co-occur on the same object and can be interpreted in different situations. Fruitful approaches have been developed by Sackett (112/115; cf 15) and Wiessner (135/139) and have been advanced by others... Sackett argues that style resides in the choices made by artisans, particularly choices that result in the same functional end. He calls the results of such choices *isochrestic variation* ~ variants that are ‘equivalent in use’ (112:72/73). He suggests that such choices are learned or socially transmitted, and variation may therefore reflect both social interaction and social context. Sackett (113/115) contrasts his isochrestic approach to what he calls the *iconological* approach (used by Wiessner and others), which, he says, holds that style, by definition, has its ‘primary function the symbolic expression of social information...’ (HEGEMON, 1992, p. 522).

Diversas discussões e entendimentos sobre estilo foram feitas ao longo dos anos, cada uma delas trazendo consigo perspectivas e visões de diferentes correntes de pensamento, tradições e abordagens da “escola”, ou país de onde vieram os autores. Esses entendimentos foram mudando ao longo do histórico-culturalismo, da Nova Arqueologia, pós-processualismo; além de envolverem também outras áreas do conhecimento.

⁸ Não entraremos aqui nas polêmicas críticas ao conceito de “cultura material”, entendendo que ele é adequado para os estudos arqueológicos, sobretudo aqueles que se propõem a analisar coleções de museus, como é o caso desta pesquisa.

Devemos lembrar, à exemplo da presença de aríbalos na região estidada, que a estrutura administrativa com a função mitmae nos Andes incaicos poderia significar o deslocamento de ceramistas para regiões distantes. Essa dinâmica poderia, talvez, influenciar a produção cerâmica local, resultando nos chamados estilos inca local. De toda forma, é necessário lembrar as relações de gênero no ofício das ceramistas.

Entendemos, assim, que nosso estudo de coleção não escapa de alguns princípios histórico-culturalistas necessário à classificação e organização do material de análise, entendendo os diferentes estilos e “tradições arqueológicas” enquanto unidades culturais; contudo, tentamos ao mesmo tempo problematizar essa visão, pois acreditamos que tais classificações não conseguem abarcar toda a diversidade e dinâmica histórica e cultural dos povos no passado. Não necessariamente povos que partilham de algumas características tenham uma relação. Ou mesmo, povos que tiveram contato podem apresentar distinções na sua cultura material.

O histórico culturalismo foi importante ao possibilitar avanços fundamentais para a Arqueologia, como o desenvolvimento de formas de classificação, de cronologias relativas, métodos e técnicas de escavação, registro de dados, entre outras ciriações e aperfeiçoamentos que permitiram uma evolução do trabalho e pesquisa arqueológicos.

Nos perguntamos até que ponto a diferença de estilos pode indicar de fato as diferenças culturais nas sociedades que os produziram ou adotaram. Isso, tendo em vista que uma mesma cultura pode desenvolver mais de um estilo, assim como grupos distintos podem compartilhar de características estilísticas. No caso da presente pesquisa, ao pesquisarmos uma área de confluência cultural de distintas zonas arqueológicas (confluência esta possibilitada pela hidrografia da região) e, ainda, onde não há um panorama arqueológico definido, pudemos visualizar que se as relações entre sociedades são complexas, não faria sentido buscar o engessamento de conjuntos estilísticos.

Na visão de Hegmon:

“Archaeologists have a long, and sometimes notorious, history of correlating styles of material culture and social groups, such as the European Neolithic Beaker Folk and the Hohokam Red Buff Culture. At the same time, we have also recognized that material culture is not necessarily isomorphic to living cultures (13:41). No longer is the association between material culture and living cultures taken for granted. Instead, the archaeological interpretation of cultural identity is an active topic of research (122). Although the relationship is complex, there is a fairly strong association between material culture and social units at many levels, from the individual to the ethnic group” (HEGMON, 1992, p.527).

Como pudemos ver, existem distintas interpretações e visões sobre o estudo de estilo na arqueologia, e também sobre a forma como este pode (ou não) indicar ou refletir diferenças entre culturas e grupos distintos. Ainda há muito para ser estudado sobre estilos, mas é possível ver o quão complexo é esse tema que vem suscitando diversas polêmicas ao longo de décadas. Essa complexidade de definições e perspectivas contribui para demonstrar como é complicada a utilização de estilos cerâmicos para a atribuição e classificação de populações, sociedades e culturas que os produziram.

Em suma, foram citados alguns exemplos sobre diferentes motivos de distinção entre estilos cerâmicos que não somente os aspectos da identidade. Ainda mais se esta atribuição de identidade for muito delimitada e estática, não tendo em mente as movimentações que ocorrem nas relações humanas e sociais (contatos, guerras, mudanças, alianças, trocas comerciais, entre outros), os quais ocorrem em sociedades vivas e podem modificar tradições, costumes, visões de mundo.

Capítulo 3 – Análise estilístico-visual das cerâmicas arqueológicas do Museo Hermógenes Mejía Solf sobre a coleção

3.1 Sobre a coleção

Analizando as cerâmicas provenientes do museu Hermógenes Mejía Solf, pudemos perceber algumas características morfológicas que nos permitiram formar alguns conjuntos cerâmicos, com aspectos que conversavam entre si e portanto ajudaram no começo de um maior entendimento sobre padrões da cerâmica arqueológica produzida na região.

Devemos ressaltar novamente que devido ao fato de ser uma região muito pouco estudada, não possuindo estudos cerâmicos muito aprofundados, isso resultou no problema de que muitas classificações morfológicas conhecidas não correspondem a algumas formas encontradas na região em questão. O que serve para demonstrar ainda mais a importância de um estudo como esse que procura apresentar uma pequena amostra de tudo o que se tem por estudar e catalogar.

Outro problema já citado se relaciona com o fato de que não há ainda nenhuma base suficiente para estabelecer uma cronologia relativo com base nos tipos cerâmicos. Isso acarreta em um desconhecimento sobre o período em que foram produzidas, culturas que se possam ter coexistido ou se sucederam.

Ainda lembramos as implicações já discutidas de se trabalhar com uma coleção descontextualizada, sem controle ou registro de escavação, não podendo assim saber como se deu a formação do registro arqueológico, como era o contexto em que estavam inseridas as peças, se estavam ligadas a construções ou sepultamentos, etc.

Fazemos sempre questão de lembrar as questões e condições que envolveram essa pesquisa pois a singularidade delas também constituem fatores importantes da mesma, servindo também para exemplificar a necessidade de trabalhos de coleção, bem como os realizados em áreas nas quais os estudos arqueológicos não se encontram em condições mais estabelecidas ou aprofundadas.

Lembramos aqui também que muito embora o museu esteja localizado em Jaén, as cerâmicas que ele abriga e expões advém de diferentes localidades, municípios e mesmo zonas ecológicas da região.

Partiremos, então, para a demonstração dos conjuntos cerâmicos que são possíveis distinguir a partir das análises realizadas. Para tanto, foram analisadas características morfológicas que permitiram a classificação desses conjuntos, como o tipo de gargalo, bojo, presença de alças, tipo de queima, etc., além dos aspectos iconográficos.

Salientamos que no caso desta pesquisa, alguns conjuntos cerâmicos coincidem com seu local específico de origem (tendo em vista as informações trazidas por alguns doadores), enquanto outros grupos, mesmo que tenham vindo de diferentes locais formam também conjuntos estilísticos. Nossas fichas de análise, com os campos que nortearam a catalogação podem ser consultadas no anexo 1⁹.

Conforme já mencionado, iniciamos a catalogação partindo dos registros de documentação das peças acessados no museu Hermógenes Mejía Solf e nos deparamos com um cenário um pouco confuso, ocorrendo casos em que a mesma peça apresentava mais de um nome e mais de uma numeração (entre as informações presentes nas etiquetas das vitrines e no catálogo do museu). Essas informações, quando existentes, foram inseridas em nossas fichas.

⁹ O Anexo 1 corresponde as fichas completas resultantes das análises realizadas para a formação dos grupos/conjuntos cerâmicos. Já o Anexo 2 é constituído pelas fichas iniciais do nosso banco de dados.

Optamos, portanto, por primeiramente por iniciar nossa catalogação com o apanhado de informações gerais sobre a peça; onde colocamos o número da nossa catalogação “Ficha”, seguido do número da peça no museu (presente em etiqueta na cerâmica ou na vitrine”, que chamamos de “Número do inventário”. Ainda podem haver outros códigos, dentre os quais o código da peça no catálogo do museu, ou “Catálogo do museu” e, por fim, um outro código numérico atribuído em uma etiqueta presente na peça, denominado por nós de “Etiqueta da peça”. Deixamos claro que essas diferentes numerações do museu podem ou não coincidir (principalmente os inseridos nos campos “Número do inventário” e “Catálogo do museu”), mas nem sempre é o caso. Isso pode significar que as peças passaram por mais de uma catalogação.

Partimos então para outras informações relacionadas com a morfologia da peça, ou como ela é chamada. Aqui incluímos o campo “Peça” onde nós classificamos a cerâmica pela morfologia dela (vaso, estatueta, prato, por exemplo), em seguida temos o nome presente na vitrine (atribuído pelo museu) que chamamos de “Etiqueta da peça”; além de mais uma classificação gerada pelo museu (que se encontra no catálogo deles), que denominamos de “Catálogo do museu”. Deixando claro que estes dois últimos campos, cujos nomes foram dados pelo museu, podem não coincidir, fazendo com que a mesma peça tenha dois nomes distintos na mesma instituição.

As cerâmicas do museu são em parte oriundas de doações de moradores, não apresentando assim um contexto de escavação controlado; porém, em alguns casos, é informada pelo museu o local de onde vieram essas peças (bairro, cidade, região, etc.), sendo assim inserimos um campo chamado “Proveniência” onde estão essas informações. Em raros casos as informações apresentadas na vitrine e no catálogo do museu, sobre a origem dessas peças, são correspondentes.

Outro dado informado pelo museu e presente nas fichas das vitrines diz respeito a uma atribuição que eles mesmo fizeram sobre a cultura que produziu essas cerâmicas; portanto criamos o campo chamado “Cultura atribuída”. Além disso, também na etiqueta das vitrines, em alguns casos está presente o nome

da pessoa ou família responsável pela doações, assim criamos o campo “Doador” na nossa ficha.

Partimos agora para um subgrupo com informações a respeito da morfologia e técnicas empregadas na peça, o qual chamamos de “Morfologia e técnica de queima”, no qual criamos campos sobre determinadas partes da morfologia da cerâmica. Aqui os campos dizem respeito a algumas partes específicas da morfologia das cerâmicas, as quais entendemos ser diagnósticas para a classificação. Os campos são “Lábio”, “Borda”, “Gargalo”, “Bojo”, “Alça” e “tipo de queima”.

Finalmente, o último campo presente na nossa ficha de análise diz respeito a uma descrição dos principais atributos da cerâmica em questão, onde são inseridas informações diversas sobre presença iconografia, aplique, evidências de restauro, entre outras informações; esse campo é chamado de “descrição”.

Esperamos dessa forma ter esclarecido quais e de que forma algumas características das peças foram analisadas por nós, deixando claro o que consideramos essencial em nossa análise, tendo em vista nossos objetivos.

3.2 Discussão dos dados de pesquisa

Considerada a exiguidade das pesquisas arqueológicas da região estudada, essa pesquisa propôs a realização de um levantamento diagnóstico do acervo do museu Hermógenes Mejía Solf, com o objetivo de conhecer, analisar e difundir o importante acervo arqueológico ali resguardado. Acreditamos que a trajetória percorrida de realização campos e estágios de análise das peças nesse museu da Alta Amazônia peruana, em que se firmaram laços institucionais e de pesquisa com arqueólogos peruanos, contribui para como uma base, ou ponto de partida, para futuros estudos que busquem o cruzamento dos dados aqui apresentados com dados de escavações que permitam a comparação das peças do museu com artefatos

proveniente de contextos arqueológicos controlados. Esse é um caminho necessário para a identificação e o mapeamento dos estilos arqueológicos da região, bem como para a construção de um quadro cronológico para a região.

Importante dizer que para a criação dos conjuntos, foi analisada a frequência em que determinadas características morfológicas e iconográficas aparecem combinadas, dessa forma “constituindo um estilo”. E também notamos quando algumas cerâmicas ou grupos possuíam semelhança com algum estilo cerâmico de outra região.

A coleção completa é composta por 332 peças, das quais cerca de 203 são peças inteiras (ou parcialmente inteiras), e o restante são fragmentos. Salientamos que duas dessas peças são oriundas do Equador, servindo como controle.

Gráfico 1 – Distribuição de peças inteiras e fragmentos da coleção analisada

Essas 196 peças inteiras são compostas por diversos tipos morfológicos, como por exemplo, aríbalos, estatuetas, pratos, etc. Sendo assim, temos um panorama bem amplo de formas, o que reflete o caráter da coleção como sendo bem diversificado. Diversificação essa que, em parte, acreditamos ser resultante da forma como o acervo foi constituído, abarcando algumas escavações e muitas doações oriundas de vários locais distintos. Como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Distribuição de peças da coleção analisada por tipologia

o desses dados, podemos discriminar melhor algumas características mais comuns nas peças, com o objetivo de esclarecermos melhor os conjuntos cerâmicos que presentes na coleção do museu. Conforme observado no catálogo apresentado em anexo, encontramos diversos tipos de morfologias e características iconográficas que nos permitiram criar conjuntos analíticos, a saber:

Gargalos Antropomorfos

A coleção apresenta um conjunto de treze peças com gargalos antropomorfos, sendo que onze deles estavam presetens em vasos e dois em cântaros, além de termos contabilizado 11 fragmentos de cerâmica de gargalos antropomorfos cujas formas originais das peças não podem ser reconstituídas.

Esses gargalos assemelham-se estilisticamente aos gargalos antropomorfos comuns nas Terras Baixas e pouco característicos na cerâmica andina.

Bojos zoomorfos e fitomorfos

Já os bojos com formas zoomorfas (4 vasos) e fitomorfas (5 vasos) que também ocorrem na coleção, remetem estilisticamente às cerâmicas andinas. Vasos de bojo zoomorfo e fitomorfo eram são muito comuns na cerâmica da Costa Norte peruana, principalmente nas cerâmicas do Formativo e Moche.

Cerâmicas de alça estribo

Outro aspecto importante é presença da chamada alça estribo em quatro das peças cerâmicas. Como já mencionado, essa tipologia morfológica é atribuída à Costa Norte peruana, mais especificamente sua porção setentrional, desde o Formativo Andino. Também mencionamos que vasos dessa natureza também foram encontrados em contextos arqueológicos do Formativo tanto no Equador como em Bagua (esta última muito perto da localidade em que se situa o Museo Hermógenes Mejía Solf), reforçando nosso argumento sobre as limitações das fontes estilísticas de referência na cronologia relativa e a necessidade de refinamento dos estudos a partir de dados contextualizados.

Aríbalos

Dentre as morfologias específicas, consideradas diagnósticas de determinada cultura, contabilizamos oito aríbalos que, apesar de naturalmente apresentarem características comuns, são bastante diferentes entre si. Apenas um exemplar (peça 041, anexo 2) passou pelo processo de queima reduzida, enquanto os outros sete são fruto de queima oxidante, o que nos leva a atribuí-los ao chamado estilo Inca Local (muito presente na região do Vale de Lambayeque, como já discutido. No conjunto de aríbalos destacam-se os as peças 041 e 039, a primeira por não apresentar nenhuma iconografia e segunda por apresentar engobo vermelho, traço bastante raro no universo de comparação da cerâmica andina do Período Tardio, porém comum na

cerâmica das Terras Baixas Amazônicas. Os demais aríbalos apresentam iconografias típicas do estilo Inca Local sendo as peças 115 e 117 bastante semelhantes tanto em suas morfologias como iconografias.

Cerâmica Cajamarquenha

Ainda sobre morfologias cerâmicas diagnósticas, os pratos com pedestal (cerâmica caolín) são típicos da cultura Cajamarca; o acervo do museu pudemos identificar nove dessas peças. Outras morfologias de peças de cerâmica colín estão presentes no acervo do museu, conforme ilustrado na figura oito e no catálogo das peças analisadas. É importante ressaltar que o conjunto de cerâmicas de estilo cajamarquenho é estilisticamente bastante coeso, não apresentando um hibridismo significativo com o estilo local. Porém, esse mesmo traço pode ser apontado para a cerâmica caolín comumente encontrada na Costa Norte, em localidades bem distantes da sua área de atribuição cultural. Isso nos faz refletir sobre a possibilidade de um fluxo intenso dessas cerâmicas no contato entre grupos costeiros e serranos. Inclusive, o fato de muitas vezes encontrarmos peças caolín em tumbas de personagens de poder (como o caso Chornamcap já mencionado) nos leva a entender que muito provavelmente se tratava de um bem de prestígio nas relações entre elites.

Olhos apêndices

Uma característica da iconografia regional que pudemos notar rapidamente em nossa análise foi a um tipo específico de olhos feitos para as peças, são olhos redondos na forma de apêndices com uma incisão central em ponto. Segundo os funcionários do museu, são característicos da área de Jaén e são chamados de “*ojos de gallina*” (figura 14). E em nossa análise, os “*ojos de gallina*” foram devidamente registrados, tendo aparecido em 8 dos 13 vasos de gargalo antropomorfo já mencionados e em 6 dos 11 fragmentos de cerâmica de gargalo antropomorfo. Dentre os demais gargalos antropomorfos ou fragmentos dos mesmos, encontramos os chamados “olhos de café” (figura 15), os quais costumam estar em cerâmicas relacionadas com outras regiões da selva amazônica, e que são também comuns na região de Bagua. De uma

forma ou de outra, podemos afirmar que a presença desses estilos de olhos nos gargalos antropomorfos do acervo do Mejú Solf reiteram a já mencionada tendência a atribuímos esses traços, do ponto de vista estilístico visual, à cerâmica amazônica de forma geral.

Figura 14 – Gargalo apresentando “ojos de gallina”

Foto: João Augusto Rodrigues Silva

Figura 15 – Gargalo apresentando “olhos de café”

Foto: João Augusto Rodrigues Silva

Cerâmica “doméstica”

O acervo do Mejía Solf também conta com cerâmicas que são usualmente classificadas como “domésticas” (não apresentam decoração, possuem marcas de queima que pressupõem o uso para cocção, além de variações no tratamento de superfície que sugerem distintos usos culinários (além de morfologias bastante singulares). Neste conjunto é notável a quantidade de pratos, com uma grande variedade de estilos, desde pratos sem decoração até alguns que remetem aos pratos de *caolín* de Cajamarca (mencionados anteriormente) mas com variações estilísticas, como por exemplo pratos com pedestais “supermencionados” que aparentemente foram feitos a partir de outro tipo de pasta cerâmica ou técnica de queima (distinguindo-se do caolín) .

Instrumentos musicais

No que diz respeito aos instrumentos musicais, integram a coleção chocalhos, apitos e ocarinas, além das estatuetas que também são chocalhos. Esses instrumentos aparecerem desde formas mais comuns de chocalhos (com apoio para as mãos), passando por um em forma de milho e, por fim, uma dupla de chocalhos em formato fálico.

Gráfico 3: Instrumentos da coleção analisada

Dessa forma, podemos perceber que esses instrumentos musicais feitos de cerâmica integram uma parte considerável do acervo, indicando portanto que os mesmos deveriam ser importantes e presentes na região.

Fragmentos

Tratando agora dos fragmentos, e não mais das peças inteiras, destacamos aqui o grande número de fragmentos de rostos, os quais outrora fizeram parte de vasos, vasilhas ou então de estatuetas. A quantidade dessas peças chama tanta atenção que possuem uma vitrine exclusiva no museu. Dentre os exemplares encontram-se diferentes estilos, alguns que podem ser encontrados em outras cerâmicas do museu e alguns que são singulares no acervo (como pode ser visto no anexo 2).

3.3 Perspectivas futuras para a análise da coleção

Temos ciência de que os conjuntos acima apresentados são fruto de uma leitura pessoal e, portanto, integram de forma ainda muito incipiente a tentativa de contruir uma matriz de referência estilística para estudos da cerâmica arqueológica da Alta Amazonia peruana. Como já afirmado, devem ser consideradas antes de tudo as limitações impostas pela falta de informação sobre a grande maioria dos contextos de proveniência das peças. Por outro lado, futuras análises dos estilos tecnológicos a partir do estudo de antiplásticos, pastas, bem como diferentes composições físico-químicas que podem ser estudadas pela arqueometria podem elucidar muitas das questões suscitadas por este primeiro trabalho acadêmico dedicado a tão rica e diversificada coleção de cerâmicas arqueológicas que integram o acervo do Museo Hermógenes Mejía Solís. Acreditamos que a variabilidade de formas e estilos dos registros arqueológicos estudados demonstra que ainda há muito

para se estudar sobre a área, e que a manutenção das fronteiras estilístico-culturais conforme estão definidas nas arqueologias dos Andes e da Amazônia compromete significativamente nossa compreensão do dinamismo das sociedades que produziram estas cerâmicas. De todo modo, lembramos que por se tratar de um estudo de coleção, investir em um levantamento de caráter etnográfico junto aos doadores das peças, bem como na prospecção arqueológicas nas áreas por eles apontadas pode ser um caminho importante de diálogo entre os estudos arqueológicos de coleções musealizadas e as pesquisas de campo.

Considerações Finais

Após a fase de análise da coleção cerâmica do museu Hermógenes Mejía Solf pudemos perceber que a mesma consiste em um palimpsesto de formas, e estilos. Integram o acervo conjuntos de peças com características locais e singulares, tais como os vasos com gargalos antropomorfos “ojos de gallina”, mas também peças notadamente “estrangeiras” e aquelas que parecem mesclar características de diferentes regiões culturais, como os discutidos casos de cerâmicas Cajamarquenas e da Costa Norte.

Outra característica importante da diversidade da coleção é a presença tanto de artefatos comumente classificados como objetos rituais, ou bens de prestígio, e outros que aparentemente seriam entendidos como uso doméstico, mas que apresentam apliques na parede externa o que lhes confere um aspecto único, que poderia indicar uma utilização mais específica.

O que isso nos diz? Em nossa opinião, esses dados exemplificam o caráter de fluidez cultural dessa região, geograficamente marcada pela confluências de importantes rios, sendo assim uma área propícia à circulação intensa de pessoas e produtos. Pode ser considerada um área estratégica, de fácil interação com a Costa Norte e Serra andinas, com as Terras Baixas da Amazônia, e com a floresta do atual Equador.

A arqueologia da Alta Amazônia é ainda incipiente; há muito para ser catalogado, estudado, escavado. Portanto, pretendemos com esse estudo de coleção dar um primeiro passo e constituir uma base para estudos futuros sobre a cerâmica da região. Nosso intuito, ao final, foi colaborar com o estímulo ao desenvolvimento de pesquisas arqueológicas na região da Alta Amazônia.

Pudemos observar que as características naturais favorecem a circulação de pessoas, e entendemos que os povos do passado não viviam dentro das classificações que necessitamos hoje em dia para tentar entender o registro arqueológico. Acreditamos que as fronteiras e culturas eram mais fluídas do que se imagina. Não podemos atestar a gradação dessa fluidez ou mesmo qualificá-la como sendo mais ou menos pacífica.

Entendemos também como a visão que temos hoje sobre esses povos da Alta Amazônia foi alterada devido a interesses colonialistas, que transmitiram sua versão da histórica para a posteridade, e que então apreenderam o arcabouço cultural e a cosmovisão nativa. Soma-se a isso a morte de grande parte da população indígena no processo de colonização, que transformou um mosaico cultural e étnico bastante dinâmico em uma imagem congelada do passado. Informações tendenciosas acabaram se propagando por muito tempo na arqueologia peruana, resultando em uma visão pejorativa sobre o *Antisuyu* e seus habitantes.

Não obstante, com o avanço dos estudos arqueológicos na Alta Amazônia peruana novas informações vem consolidando leituras mais polissêmicas e enriquecidas sobre os processos históricos e culturais que caracterizaram a vida na floresta.

Neste trabalho, a compreensão da diversidade estilística observada nas cerâmicas arqueológicas do Museo Hermógenes Mejía Solf sugere que devemos indagar sobre uma maior permeabilidade entre “os diferentes”, independente do significado que queiramos dar à ideia de “contato cultural”. Os distintos campos estabelecidos por fronteiras políticas historicamente estabelecidas se mostraram, em muitos aspectos abordados neste trabalho,

em constante interação. Formas e motivos que permeiam as produções cerâmicas da Alta Amazônia, Serra e Costa Norte peruanas parecem o tempo todo “querer atravessar” essas fronteiras, seja na concepção primeira dos artefatos, seja na concepção última de salvaguarda dos mesmos em um local comum. Novamente afirmamos que não é possível avaliar como eram de fato as relações, mas estas foram e seguem sendo feitas por povos e culturas vivas, dinâmicas e em constante transformação. O que jamais poderemos negar, é que o Museo Hermógenes Mejía Solf é hoje um território de encontro e contato entre diversos agentes arqueológicos de uma “Amazônia Andina” ou de um “Andes Amazônico”.

Referências Bibliográficas

ALVA MENESES, I. Ventarron y Collud, origen y auge de la civilizacion en la Costa Norte, publicacion del Proyecto Arqueologico Ventarron, Ministerio de Cultura- Proyecto Especial Naylamp Lambayeque, 2012.

ALVAREZ MALDONADO, J. Relacion de la jornada y descubrimiento del rio Manu (hoy Madre de Dios), Sevilha, 1899 [1567].

ARCURI, Macia M. Nudity in and exposed breasts in Guaman Poma de Ayala's depiction of the Antisuyu: an analysis of Nueva Coronica y Buen Gobierno visual narrative. Ensaio apresentado ao Departamento de Historia e Teoria da Arte – Mestrado em Estudos Amerindios, University of Essex, Colchester, Inglaterra, 1995.

ARCURI, Marcia M. O Tahuantinsuyu e o poder das huacas nas relacoes centro x periferia de Cusco. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Sao Paulo, n 19, Suplemento 8, 2009:36-49.

ARCURI, Marcia M, ALVA MENESES e MURRIETA, Rui Sergio Sereni Cosmografia e movimento nas estruturas amerindias: uma reflexao interdisciplinar sobre os processos de complexificacao social na Amazonia e nos Andes. In: Simposio Paisagens do Movimento: uma reflexao interdisciplinar sobre a pluralidade e os significados das paisagens. Organizacao: Laboratorio de estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Territorio (LINTT) Centro de Estudos Amerindios (CEstA), Universidade de São Paulo, dezembro de 2013.

ARCURI, Marcia M e ALVA MENESES Paisaje y monumentalidad en Ventarron: nuevos aportes al debate acerca del origen del Estado en el Formativo Inicial

andino Actas de la II Conferencia Intercontinental – Society for American Archaeology, Lima Agosto 2014.

BRACAMONTE, E., Huaca Santa Rosa de Pucalá Y la Organización Territorial del Valle de Lambayeque. Lambayeque. Ministerio de Cultura del Perú, 2015

BRAM, Joseph. An analysis of inca militarism. New York 2 ed. University of Washington Press, 1966.

BROTHERSTON, G. Book of the Fourth World: Reading the Native Americas Through Their Literature. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

BUENO, F. B.B., Ações Patrimoniais em Território Peruano: Possibilidades e Caminhos para a Preservação do Patrimônio Arqueológico. Trabalho de Conclusão de Curso. UFOP. Ouro Preto, 2017

CALVO, Santiago Agurto. Lima Prehispanica. Lima: Municipalidad de Lima, 1984.

CIEZA DE LEON, Pedro. la cronica del Peru. las guerras civiles peruanas. Madrid: Momumenta Hispano-Indiana, 1985 [1553].

D'ALTROY, T. N. Remaking the Landscape: Colonization in the Inka Empire. In: STEIN, G.J. (eds) The Archaeology of Colonial Encounters. Comparative Perspectives. School of American Research Press, Santa Fe. New Mexico, 2005.

HEGMON, M. Archaeological Research On Style. Annual Review of Anthropology, New Mexico vol. 21 517-536.

POMA DE AYALA, F. G., Nueva Coronica y Buen Gobierno, seleccion, version paleografica y prologo de Franklin Pease G.Y., Casa de la Cultura del Peru, Lima 1969 [1615].

LUMBRERAS, Luis G. Arqueologia de la America Andina. Lima: Editorial Milla Batres, 1981.

FAVRE, Henri. A Civilizacao Inca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FIGUEIREDO, M.L.B. Politica e religiao no Tahuantinsuyu Inca: evidencias das relacoes centro x periferia de Cusco na ceramica arqueologica da costa norte peruana. Dissertacao de Mestrado. MAE-USP. Sao Paulo, 2014.

HODDER, I. Reading the Past. Cambridge University Press, 1986.

LUMBRERAS, Luis G. De los pueblos, las culturas y las artes del antiguo Peru. Lima: Moncloa-Campodonico Editores Asociados, 1969.

MARTINS, C. B. Andes e Amazonia: historia arqueologia Inca no baixo Rio Madre de Dios. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Sao Paulo. p.1-11, 2009.

MENZEL, Dorothy. Pottery Style and Society in Ancient Peru: Art as a Mirror of History in the Ica Valley, 1350-1570. Los Angeles: University of California Press, 1976. PEASE G. Y., Franklin. Los Incas. Lima: Fondo Editorial dela Pontificia Universidad Catolica del Peru, 2007.

NUNEZ, Q.O. Arqueologia Alto Amazonica: Los Origenes de La Civilizacion En El Peru. Asociacion de Los Andes de Cajamarca. Peru. 2014

PARSSINEN, M.. Quando comecou realmente a expansao guarani em direcao as Serras Andinas Orientais? Revista de Arqueologia. v.1, n. 18, p. 51-66, 2005.

SANTA CRUZ PACHACUTI, Juan de. Relacion de Antiguidades de Este Reino del Peru. Edicion, Indice Analitico y Glosario de Carlos Aranibar. Lima, Fondo de Cultura Economica, 1995 [1611].

SARMIENTO DE GAMBOA, P. The History of the Incas. Austin: University of Texas Press, 2007 [1572]

SHADY R.; ROSAS H. El Complejo Bagua y El Sistema de Establecimientos Durante el Formativo en la Sierra Norte del Peru. Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology, No. 17 (1979), pp. 109-142

SHOZO,M. SHIMADA, I., MORRIS, C. Andean Ecology and Civilization. An interdisciplinary Perspective on Andean Ecological Complementarity. University of Tokyo Press.

VON HAGEN, V. W. A estrada do sol. Sao Paulo: Edicoes Melhoramentos, 1959.

YAMAMOTO, Atsushi 2007, *El Reconocimiento del Valle de Huancabamba, Jaén, Cajamarca, Perú*, Arkeos 2-2, pp.1-16, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima.

YAMAMOTO, Atsushi y Jose Luis Pena Martinez 2006, *Informe Preliminar del Proyecto de Investigación Arqueológica en el valle de Huancabamba, Perú*, Instituto Nacional de Cultura, Lima, Peru 2007, *Informe del Proyecto de Investigación Arqueológica "INGATAMBO", en el valle de Huancabamba, Provincia de Jaén, Departamento de Cajamarca, Perú*, Instituto Nacional de Cultura, Lima, Peru. 2008, *Informe del Proyecto de Investigación Arqueológica "INGATAMBO", en el valle de Huancabamba, Provincia de Jaén, Departamento de Cajamarca, Perú (Segunda Temporada)*, Instituto Nacional de Cultura, Lima, Peru.